

Rodrigo Cunha

**A RECEPÇÃO DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO
SOFREDOR NO RELATO DA PAIXÃO DE CRISTO DO
EVANGELHO DE MARCOS.**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao
Curso de Teologia da Faculdade Católica de Santa
Catarina para a obtenção do Grau de Bacharel em
Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Renatus Porath

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Nihues da FACASC

Cunha, Rodrigo

A recepção do quarto cântico do servo sofredor no relato
da paixão de Cristo do Evangelho de Marcos / Rodrigo Cunha;
Orientador: Renatus Porath; Florianópolis, SC, 2022.

103 p.

TCC (Graduação - Teologia) - Faculdade Católica de
Santa Catarina.

Inclui referências:

1. Profeta Isaías 2. Quarto Cântico do Servo Sofredor 3.
Evangelho de Marcos 4. Paixão de Cristo II. Título.

Rodrigo Cunha

**A RECEPÇÃO DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO
SOFREDOR NO RELATO DA PAIXÃO DE CRISTO DO
EVANGELHO DE MARCOS.**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

Prof. Dr. Nome Completo Coordenador
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Rénatus Porath
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

Prof.Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Prof.Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo entender o relato da paixão de Cristo, no Evangelho de Marcos, a partir de uma leitura do Quarto Cântico do Servo Sofredor em Isaías. A pesquisa fundamenta-se pelo método bibliográfico, diante de autores na temática bíblica. A estrutura para buscar a finalidade do objetivo está dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, será apresentado o contexto em que o livro do Dêutero-Isaías foi formado. No segundo capítulo, será feito comentários de cada versículo do Quarto Cântico, a partir de autores que trabalham o texto numa perspectiva histórica-crítica. Por fim, o terceiro capítulo buscará relacionar o relato da Paixão de Cristo, no evangelista Marcos, com temas do Quarto Cântico de Isaías

Palavras-chave: Profeta Isaías. Quarto Cântico do Servo Sofredor. Evangelho de Marcos. Paixão de Cristo.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

2Rs – Segundo Livro dos Reis

Sl - Salmos

Is – Livro do Profeta Isaias

Mc – Evangelho Segundo Marcos

Mt – Evangelho Segundo Mateus

At – Atos dos Apóstolos

Jr- Jeremias

Sumário

INTRODUÇÃO..... 13

1 O ESCRITO DE DÊUTERO-ISAÍAS E SUA RELAÇÃO COM O QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR..... 17

1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO DÊUTERO-ISAÍAS.....	17
1.1.1 Antecedentes históricos da invasão do império babilônico em Jerusalém.....	17
1.1.2 A queda de Jerusalém.....	18
1.1.3 O período do exílio e a esperança de restauração: atuação do Dêutero-Isaías.....	20
1.1.3.1 O início da atuação Dêutero-Isaías.....	21
1.2 A DESCOBERTA DO DÊUTERO-ISAÍAS: UM NOVO LIVRO, UM NOVO PROFETA.....	23
1.2.1 Razões para divisão.....	24
1.2.2 É possível uma biografia do Dêutero-Isaías?....	26
1.3A ESTRUTURA DO DÊUTERO-ISAÍAS.....	27
1.4 GÊNEROS LITERÁRIOS.....	28
1.5 OS DESTINATÁRIOS DA MENSAGEM.....	29
1.6. TEMAS DO DÊUTERO-ISAÍAS.....	30
1.6.1 Um novo êxodo.....	30
1.6.2 Ciro.....	31
1.6.3 Javé criador.....	31
1.6.4 Salvação universal.....	31
1.6.5 A natureza de Javé.....	32
1.6.6 O Dêutero-Isaías e a Tradição Davídica.....	32
1.7 O QUARTO CÂNTICO DO SERVO NO DÊUTERO-ISAÍAS.....	33

2 EXEGESE DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR (Is 52,13-53,12)..... 37

2.1 A TEMÁTICA DO 4º CÂNTICO.....	37
2.1.1 A temática do 4º Cântico dentro do Dêutero- Isaías.....	38
2.1.2 A unidade redacional do 4º Cântico.....	39
2.2 ESTRUTURA SISTEMATIZADA DO TEXTO.....	39

2.3 AS QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE DO SERVO E DO GRUPO “NÓS” QUE NARRA O CORPO DO TEXTO.....	40
2.4 O QUARTO CÂNTICO DO SERVO E SUAS VERSÕES EM DIFERENTES TEXTOS.....	41
2.5 EXEGESE DO QUARTO CÂNTICO.....	49
2.5.1 Isaiás 52,13-15: Humilhação e Exaltação do Servo.....	51
2.5.2 Isaiás 53,1-12: Humilhação e Exaltação do Servo.	53
.....	53

3 O RELATO DA PAIXÃO DE CRISTO EM MARCOS A PARTIR DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR.....73

3.1 UM NOVO GÊNERO LITERÁRIO: EVANGELHO.....	73
3.2 A FORMAÇÃO E O CONTEÚDO DOS EVANGELHOS.....	74
3.2.1 Os conteúdos que formam o gênero literário do Evangelho.....	75
3.2 A QUESTÃO SINÓTICA.....	76
3.3 O EVANGELHO DE MARCOS.....	78
3.3.1 Autoria.....	79
3.3.2 Datação e local.....	80
3.3.3 Destinatários.....	80
3.3.4 Conteúdo e Teologia.....	81
3.3.5 Estrutura.....	81
3.4 O SERVO SOFREDOR DE ISAÍAS PRESENTE NO NOVO TESTAMENTO.....	82
3.4.1 Citações do 4º Cântico do Servo Sofredor no Novo Testamento.....	82
3.4.1.1 Citações indiretas do 4º Cântico nos evangelhos.....	83
3.4.2 A resposta à morte de Jesus como sofrimento do justo.....	84
3.4.3 A morte de Jesus como destino do profeta.....	85
3.4.4 A morte de Jesus como ideia de expiação.....	86
3.4.5 Cristo morreu “por nós”.....	87
3.5A PAIXÃO DE CRISTO EM MARCOS E O QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR.....	87
3.5.1 O primeiro anúncio da Paixão.....	88

3.5.2 A narração da Paixão.....	90
CONCLUSÃO.....	94
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

Os estudos bíblicos tiveram um grande avanço, principalmente a partir do século XIX. Como resposta aos movimentos renascentistas e humanistas e, sobretudo, ao iluminismo, teólogos propuseram novos métodos para a compreensão da Bíblia. Se o iluminismo criticou a leitura apenas fideísta dos textos sagrados, novas leituras foram propostas, em destaque para o método histórico-crítico, de abordagem científica, para melhor compreender os textos bíblicos.

O avanço deste novo método aconteceu em dois momentos. O primeiro, proveniente do ambiente protestante, com destaque para os estudos exegéticos nos cursos de teologia evangélica, luterana e calvinista. O segundo se dá pela publicação da encíclica *Providentissimus Deus*, publicada em 18 de novembro de 1893, pelo Papa Leão XIII. Nela, o papa autoriza as escolas católicas a aplicarem o método histórico-crítico em estudos e pesquisas de temas bíblicos.

Para o cristianismo, os avanços nas pesquisas no Antigo Testamento possibilitaram uma maior compreensão do Novo Testamento, partindo de aspectos teológicos, históricos ou da história das religiões contidos nos textos veterotestamentários. O livro de Isaías ganha destaque na exegética cristã, justamente por ser o escrito do Antigo Testamento mais citado entre os autores neotestamentários. O próprio Jesus aplicou a si a profecia de Isaías, conforme o relato de Lucas (Lc 4,14-22).

É principalmente nas profecias de Isaías que os evangelistas buscam fundamentar o evento Jesus Cristo para os primeiros cristãos. A liturgia católica conserva em sua Tradição, nos tempos litúrgicos como Advento e Quaresma, a leitura das profecias de Isaías. Nesse contexto, o Quarto Cântico do Servo Sofredor (Is 52,13-53,12) estará presente nesse projeto de pesquisa a ser realizado.

Esse cântico em forma de profecia tem o desenvolvimento único no Primeiro Testamento. Temas como expiação dos pecados e remissão da culpa, ganham aspectos novos em relação a outros textos, devido ao sofrimento do personagem “servo” (podendo ser um indivíduo ou grupo), todo o povo será liberto dos seus pecados e suas consequências. Com isso, surge a pergunta: a quem se refere este texto?

Os aspectos que aparecem de forma tão singular serão utilizados pelos primeiros cristãos para fundamentar o acontecimento de maior relevância para fé cristã: o mistério da morte e ressurreição de Jesus. A pergunta que o eunuco faz ao apóstolo Filipe, ao ler essa profecia, “De quem diz isso o profeta? De si mesmo ou de alguém?” (cf. At 8,26-39) é

bastante significativa. A resposta de Filipe indica como os cristãos acolheram esse texto singular de Isaías.

Dessa forma, o Evangelho, como anúncio da Boa Nova da vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo, também foi compreendido a partir de elementos presentes no Quarto Cântico do Servo Sofredor. Marcos, o escrito mais antigo dentre os evangelhos sinóticos serviu-se de tradições já presentes na comunidade primitiva, principalmente para justificar o processo da Paixão de Cristo.

Com isso, o presente trabalho, apresenta a seguinte problemática a ser respondida: quais os elementos do Quarto Cântico de Isaías possibilitaram ao evangelista Marcos a reler o evento da paixão de Jesus Cristo para a sua comunidade primitiva?

O caminho para responder ao problema proposto, se dará a partir do Objetivo Geral deste trabalho que é compreender o relato da Paixão de Cristo do evangelista Marcos, a partir dos elementos bíblico-teológicos contidos no Quarto Cântico do Servo Sofredor em Isaías.

Para alcançar o Objetivo Geral, os três objetivos específicos que serão abordados em três capítulos são: analisar o livro do Dêutero-Isaías e sua relação com o Quarto Cântico; apresentar o Quarto Cântico a partir do método histórico-crítico da leitura bíblica; relacionar o relato da Paixão de Cristo em Marcos, com os elementos contidos no estudo crítico do Quarto Cântico, como base fundamental para compreender o entendimento dos primeiros cristãos sobre o processo de morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Sendo assim, no primeiro capítulo, será apresentado o contexto em que foi formado o escrito do Dêutero-Isaías. A história de Israel será descrita para entender o ambiente de formação do livro. O ponto inicial será a morte do rei Josias, em 607.a.C. , na qual a independência política de Jerusalém começa a ser enfraquecida. O ponto culminante é a invasão das tropas babilônicas em Jerusalém, em 587 a.C., destruindo a cidade e o Templo.

A queda de Jerusalém já era profetizada, principalmente, por Isaías e Jeremias. No exílio da Babilônia, uma parte significativa dos seus livros proféticos é destinada à consolação do povo. A partir do avanço das tropas do rei persa Ciro na Babilônia, a esperança renasce entre os exilados.

É nesse contexto que é formado o livro do Dêutero-Isaías. Um profeta anônimo, que por razões históricas e literárias foi identificado como um novo autor. Em particular na sua obra estão os chamados Quatro Cânticos do Servo.

Mas é o Quarto Cântico, objeto de pesquisa desse trabalho, que ganha um caráter mais enigmático. Aspectos da mensagem aparecem em consonância com temas anteriores do Antigo Testamento, como expiação vicária e sofrimento do justo. Todavia, a grande novidade, e única até então, é encontrada na figura do Servo: um indivíduo, de forma voluntária, com sua morte expiatória, justifica uma multidão.

Outra questão particular que se desenvolverá é também sobre a identificação do personagem: quem é o Servo? É o povo exilado (interpretação coletiva)? O próprio profeta? Um indivíduo conhecido entre os exilados ou anônimo (interpretações individuais)?. Nesta direção, o segundo capítulo se atentará a apresentar um estudo, a partir do método histórico-crítico, do Quarto Cântico.

De acordo com a metodologia dos autores pesquisados, cada versículo será comentado fundamentado nestes exegetas. Na totalidade do texto, ele possui uma estrutura simples e clara: Deus que fala e um grupo (= nós) que narra os acontecimentos. A narrativa é simples, porém, questões de quem é o grupo que narra e a identidade do Servo são objetos de comentários diversos.

Os comentários dos versículos estarão em duas direções de pesquisa: autores que utilizam o método histórico crítico para compreender o texto em si e comentários patrísticos que, já tendo os Evangelhos como fonte, apontam para Jesus como cumprimento pleno da profecia do Servo Sofredor.

Tendo essa leitura cristológica do Quarto Cântico, o terceiro capítulo buscará no Evangelho de Marcos os aspectos do Quarto Cântico que influenciaram a formação do Evangelho, propriamente, a narrativa da Paixão de Cristo.

O terceiro e último capítulo trará como fundamentação inicial a formação de um novo gênero literário bíblico: Evangelho. Também serão entendidos os aspectos principais que classificam os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas como sinóticos. Como objeto de estudo, o Evangelho de Marcos será elucidado a partir de sua formação, suas fontes, temas teológicos e tradições presentes.

Esses temas serão relacionados com a composição geral, em Marcos, com a narrativa da Paixão de Cristo, na qual já era compreendido pela comunidade primitiva que o evento da paixão de Jesus foi explicado à luz da mensagem do Quarto Cântico do Servo Sofredor, juntamente com outras fontes.

Portanto, a partir deste trabalho de conclusão de curso, busca-se contribuir para o vasto campo de pesquisa na área bíblica. É um campo

vasto, aberto para entender as interpretações feitas até então. Ao propor uma linha de interpretação, uma pesquisa realizada jamais pode querer fechar novas possibilidades. Com isso, o tema da Paixão de Cristo, relacionado com o Quarto Cântico do Servo Sofredor terá relevância, pois, são aspectos que procuram dar entendimento aos principais fundamentos da fé cristã.

1 O ESCRITO DE DÊUTERO-ISAIÁS E SUA RELAÇÃO COM O QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR

O primeiro capítulo deste trabalho abordará, no livro bíblico de Isaías, o escrito designado Dêutero-Isaías, que compreende os capítulos 40 a 55 dessa obra profética. Para isso, os seguintes pontos serão apresentados: o contexto histórico em que o texto foi redigido; a descoberta de um novo livro dentro da obra completa de Isaías e sua estrutura; e, a partir disso, serão apresentados os gêneros literários; os destinatários da mensagem do autor e os temas por ele trabalhados.

Finalizando o primeiro capítulo desse trabalho, a pesquisa se concentrará no Quarto Cântico do Servo Sofredor (Is 53,13-53,12) dentro do bloco do Dêutero-Isaías (Dt-Is) ou 2º Isaías (Is II). A relação do cântico com a obra em que está inserido possibilitará uma melhor compreensão da mensagem bem como das interpretações feitas e suas respectivas conclusões.

1.1 O CONTEXTO HISTÓRICO DO DÊUTERO-ISAIÁS

O período histórico em que se encontra a obra é aproximadamente o ano de 550 a.C. Os grandes eventos vividos pelo profeta são marcados, especialmente, por dois importantes acontecimentos para a história de Israel: um precede ao tempo do profeta exílico, a destruição de Jerusalém em 587 a.C.; outro, a ascensão do governante persa Ciro. O Dt-Is não pertence mais à geração dos deportados, em 550 a.C, que vieram de Jerusalém e, também, não assistiu à queda da Babilônia.¹

1.1.1 Antecedentes históricos da invasão do império babilônico em Jerusalém

Desde a morte do rei de Judá, Josías, a independência política de Jerusalém encontrava-se ameaçada. A briga política, em 609 a.C, estava entre duas forças: Necão II, faraó do Egito e Nabucodonosor, rei do então ascendente império babilônico.

¹ Este parágrafo é uma simples síntese do presente capítulo. A devida fundamentação bibliográfica das informações aqui dispostas consta nos parágrafos a seguir.

O filho de Josias, Joacaz, é proclamado rei de Judá.² A região da Mesopotâmia já estava nas mãos dos babilônios. Por isso, Necão II deporta para o Egito Joacaz, que reinava apenas há três meses. Então, Eliacim, irmão de Joacaz, tendo o nome mudado para Joaquim, torna-se vassalo do Egito. Esse acontecimento finda a independência política de Judá.³

O ano de 604 a.C marca a força da Babilônia. As campanhas de Nabucodonosor contra o Egito são vitoriosas.⁴ As tropas babilônicas derrotam o exército egípcio, fazendo Joaquim tornar-se vassalo e tributário da Babilônia.⁵ Joaquim tentou se rebelar contra o rei da Babilônia, conforme narra o 2º livro dos Reis, mas não teve sucesso: “Iahweh mandou contra ele um bando de caldeus, arabeus, moabitas e amonitas, incitou-os contra Judá para destruí-lo”.⁶

1.1.2 A queda de Jerusalém

A tentativa de rebelião do rei Joaquim é datada no ano de 598 a.C, a mesma data da invasão babilônica em Jerusalém. Para conter a revolta, o rei Nabucodonosor “despachou contra Judá os contingentes babilônios na área, juntamente com bandos de guerrilheiros arameus, moabitas e amonitas, para que se apoderassem do território e o saqueassem”.⁷

O fim do reinado de Joaquim, após a invasão, é narrado da seguinte forma: “Joaquim adormeceu com seus pais e Joaquin, seu filho, reinou em seu lugar”.⁸ Joaquin tinha 18 anos. Cedeu a pressões do império e foi deportado com sua família. Sedecias, tio de Joaquin, foi investido como governador vassalo pelos babilônios.⁹

No reinado de Sedecias, precede à queda de Jerusalém uma tentativa de rebelião, marcada por um patriotismo da comunidade

² BRIGHT, John. **História de Israel**. Trad. Luiz.A.S.Rossi e Eliane.C.S.Rossi. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003, p. 391.

³ BRIGHT, 2003. p. 391.

⁴ SOTELO, Daniel. **Um novo êxodo em Deutero-Isaias**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.p. 31.

⁵ LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: História antiga de Israel**. Trad. Orlando S. Moreira. 2.ed. São Paulo: Paulus,Loyola,2014.p.232.

⁶ BÍBLIA de Jerusalém. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2012; 2Reis 24,2,

⁷ BRIGHT, 2003, p. 393.

⁸ 2Reis 24,6.

⁹ LIVERANI, 2014. p. 233.

judaíta.¹⁰ Nesse ano de 588, a reação da Babilônia foi da seguinte maneira:

Nabucodonosor, rei da Babilônia, veio atacar Jerusalém com todo o seu exército; acampou diante da cidade e levantou trincheiras ao seu redor. A cidade ficou sitiada, até o décimo primeiro ano de Sedecias. Mandaram degolar os filhos de Sedecias, na presença dele, depois Nabucodonosor furou os olhos de Sedecias, algemou-o e o conduziu para Babilônia.¹¹

Juntamente com esse episódio, a história apresenta a chamada primeira deportação dos judeus para Babilônia. O comandante babilônio Nabuzardã incendiou a cidade, derrubou as muralhas. Um grupo é deportado, oficializando o fim do Estado de Judá.¹²

A destruição do templo de Jerusalém, juntamente com a ruína de toda a cidade é narrada no livro de 2Reis:

“Incendiou o Templo de Iahweh, o palácio real e todas as casas de Jerusalém. E todo o exército caldeu que acompanhava o comandante da guarda, destruiu as muralhas que rodeavam Jerusalém”.¹³

A destruição marca dois episódios: o templo é saqueado e destruído, seus tesouros e os do palácio real da época de Salomão são levados para Babilônia; o grupo dos primeiros deportados é caracterizado pela população urbana, como os nobres da cidade e trabalhadores com técnicas de ferreiros e artífices.¹⁴ Permanece em Jerusalém “apenas a população composta principalmente por camponeses pobres, incapazes de causar qualquer distúrbio.”¹⁵

¹⁰ BRIGHT, 2003, p. 396.

¹¹ 2Rs 25,1-2.7.

¹² BRIGHT, 2003, p. 397.

¹³ 2Rs 25,9.

¹⁴ 2Rs, 24, 10-14.

¹⁵ BRIGHT, 2003, p. 397.

Jerusalém fica vazia, destruída, sem Templo e sem culto. Um lamento atribuído ao profeta Jeremias narra a sua angústia com a situação da cidade:

Que os meus olhos derramem lágrimas, noite e dia, e não se tranquilizem, porque a virgem, filha do meu povo, foi ferida com ferimento grave, com ferida incurável. Se saio para o campo, eis os feridos pela espada; se entro na cidade, eis as vítimas da fome; pois até o profeta e o sacerdote atravessam a terra e não compreendem! – Rejeitaste, deveras, Judá? Por acaso te desgostaste de Sião? Por que nos feriste de tal modo que não há cura para nós? O tempo de cura e eis o pavor!¹⁶

1.1.3 O período do exílio e a esperança de restauração: atuação do Dêutero-Isaías

O exílio da Babilônia tornou-se uma linha divisória para Israel. Questões políticas e sociais marcadas do exílio e pós-exílio formaram Israel como nação. Também se destaca o aspecto religioso, pois, como afirma Bright, é durante e no pós exílio que nasceu o judaísmo.¹⁷

O período de exílio durou pouco tempo, assim como a ascensão e declínio do império babilônico, aproximadamente entre os anos 609 a 539. Não há narrativas bíblicas de como a comunidade judaica foi organizada durante o exílio. Todavia, sabe-se que “Israel não sobreviveu à calamidade, mas formando uma nova comunidade das ruínas antiga, retomou sua vida como povo”.¹⁸

A queda do império começa com a morte de Nabucodonosor, em 562 a.C. A instabilidade política é acentuada com a alternância de poder: em apenas sete anos, o trono foi ocupado por três diferentes reis: Amil – Marduk (562 -560), filho de Nabucodonosor; foi substituído pelo cunhado Neriglisar (560-556); depois de sua morte, seu filho, Labashi-Marduk assume e logo é destituído.¹⁹

A alternância termina com o último rei do império, Nabônides (556-539), que além de enfrentar discórdias dentro do seu império,

¹⁶ Jr 14,17-19

¹⁷ BRIGHT, 2003, p. 411.

¹⁸ BRIGHT, 2003, p. 411.

¹⁹ BRIGHT, 2003, p. 442.

externamente surge uma nova força: os persas, com o conquistador e rei **Ciro**.²⁰

A esperança volta para o sentimento dos exilados. O império persa, cada vez mais ampliado, contava com uma “estrutura diversificada, sua maior disponibilidade para utilizar formas de governo local foram igualmente fatores que levaram a um clima de maior abertura e liberdade de culto”.²¹

Juntamente com a abertura religiosa de **Ciro** e suas conquistas territoriais, como o Egito e a Lídia, faz com que, a partir do ano de 546 a.C., a Babilônia fique só politicamente. O poder persa aumenta em relação ao isolado poder de Nabônides, fazendo que “**Ciro** poderia tomá-la quando quisesse; a única dificuldade era escolher o momento”.²²

1.1.3.1 O início da atuação Dêutero-Isaías

O declínio do império babilônico e a ascensão do rei persa **Ciro**, marcam a retomada da esperança na comunidade dos exilados. É nesse meio que surge a atuação profética do Dêutero-Isaías.

A atividade do profeta está situada entre os períodos da destruição de Jerusalém, em 587 a.C até a queda da Babilônia, em 539 a.C. Então, “as partes mais evidentes de sua mensagem coincidem com o fim deste período, provavelmente em torno de 550 a.C., ano em que começam as campanhas vitorias de **Ciro**, o persa”.²³

O período de atuação do Dêutero – Isaías também é destacado por Liverani:

Escrevendo na própria época dos acontecimentos (e uma geração depois de Jeremias), o Dêutero – Isaías sabia bem que os tempos tinham mudado com relação ao velho paradigma: Babilônia não será arrasada como Nínive, e **Ciro** não é o furioso destruidor, mas um rei justo mandado por Yahweh para uma ação milagrosamente pacífica.²⁴

²⁰ BRIGHT, 2003, p. 422-423.

²¹ LIVERANI, 2014, p. 312.

²² BRIGHT, 2003, p. 424.

²³ SOTELO, 2011, p. 30-31.

²⁴ LIVERANI, 2014, p. 310.

Isso fica evidente no texto de Isaías:

Assim diz Iahweh ao seu ungido, a Ciro, que tomei pela destra, a fim de subjugar a ele as nações e desarmar reis, a fim de abrir portas diante dele, a fim de que os portões não sejam fechados. Eu mesmo irei na tua frente e aplainarei lugares montanhosos, arrebentarei as portas de bronze, despedaçarei as portas de ferro e dar-te-ei tesouros ocultos e riquezas escondidas, a fim de que saibas que eu sou Iahweh, aquele que te chama pelo teu nome, o Deus de Israel.²⁵

No ano de 539, as tropas de Ciro entram na Babilônia. Esse acontecimento é destacado pelo profeta:

Desce e assenta-te no pó, virgem, filha da Babilônia, senta-te no chão – já não tens trono -, filha dos caldeus, porque nunca mais te chamarão meiga e delicada. Toma a mó e mói a farinha; tira o teu véu, ergue a cauda da tua veste e descobre as tuas pernas, atravessa os rios. Apareça a tua nudez, seja vista a tua vergonha; eu tomo vingança de ti ninguém se oporá a isto. O nosso redentor- Iahweh dos Exércitos é o seu nome-, o Santo de Israel, disse: Senta-te em silêncio, refugia-te nas trevas, filha dos caldeus, porque nunca mais tornarão a chamar-te senhora dos reinos.²⁶

Diante da mensagem do profeta, tem-se, então, que “toda a profecia é denominada pelo pensamento de Deus que vem salvar o seu povo”.²⁷ O cerne da mensagem do Dêutero-Isaías é a salvação. Por isso, Sotelo afirma que “a proclamação do Dêutero-Isaías muda do juízo para salvação que vai ser cumprida de fato. O Dêutero-Isaías é, portanto, um evangelho, é a alegria manifestada”.²⁸

Com o contexto histórico apresentado acima, apresentou-se período de atuação do chamado Dêutero-Isaías. Portanto, o próximo ponto a ser trabalhado será propriamente a compreensão desse bloco

²⁵ Is, 45, 1-4

²⁶ Is, 47,1-5.

²⁷ BRIGHT, 2003, p. 425.

²⁸ SOTELO, 2011, p.34.

dentro do grande livro de Isaías, formado pelos capítulos 40-55. Isso possibilitará um entendimento melhor da formação, estrutura e mensagem do profeta aqui estudado.

1.2 A DESCOBERTA DO DÊUTERO-ISAÍAS: UM NOVO LIVRO, UM NOVO PROFETA

O livro do profeta Isaías está dividido em 66 capítulos. É o escrito mais extenso da Bíblia. Até o século XVIII afirmava-se ser uma grande unidade literária. Compreendia-se que Isaías era o autor do livro, escrito em uma época apenas. Todavia, com o advento do método histórico-crítico aplicado aos estudos bíblicos, essa concepção começa a mudar.

O ano de 1788 marca essa mudança. Johann C. Doderlein apresenta sua teoria que, a partir do capítulo 40 de Isaías, tem-se um profeta distinto do homônimo do autor, atuando nos tempos do exílio.²⁹ Por isso, “é a partir de agora que se começa a falar do Dêutero-Isaías, profeta anônimo do exílio, por muitos considerado o maior profeta e o melhor poeta de Israel”.³⁰

Iniciada as problemáticas que envolve a divisão do livro do profeta, outro autor que se destaca é Bernhard Duhm. No ano de 1892, além de afirmar a hipótese do Dêutero-Isaías, Duhm apresenta duas novas teorias: um terceiro autor, chamado Trito-Isaías assim foi nomeado para identificar sua autoria a partir do capítulo 56; os cânticos do Servo dentro da obra do Dêutero-Isaías foram compostos por outro autor.³¹

Diante das novas questões apresentadas sobre o livro de Isaías, houve uma resposta negativa da Igreja Católica, por parte da Pontifícia Comissão Bíblica. O principal motivo da negativa era o receio de idéias modernistas sendo aplicadas aos estudos bíblicos. Porém, Stuhlmüller ressalta que a principal questão sobre a inspiração divina não estava sendo questionada, mas, apenas questões literárias e históricas.³² Com

²⁹ SICRE DIAZ, Jose Luiz; ALONSO SCHOKEL, Luis, **Profetas I: Isaías, Jeremias**. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 269.

³⁰ SICRE DIAZ ; ALONSO SCHOKEL, 1988, p. 270.

³¹ STUHLMUELLER, Carrol. **Dêutero-Isaías**. In: BROW, Raymond E. et.al. (Org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Antigo Testamento**. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2008, p. 661-662.

³² STUHLMUELLER, 2008. p. 662.

isso, autores católicos também passaram a defender a hipótese de autores variados para o livro de Isaías.

1.2.1 Razões para divisão

As razões para a teoria de um outro profeta nos capítulos 40-55 são apresentadas por Stuhlmüller, sendo três principais: históricas, literárias e doutrinárias.

As questões históricas do Dêutero-Isaías abrangem principalmente os destinatários. Esses não são mais os habitantes de Jerusalém, mas os exilados da Babilônia.³³ Jerusalém já havia sido destruída, conforme apresenta o relato bíblico:

“[...] digo a Jerusalém: ‘Tu será reabitada’, e as cidades de Judá: ‘Vós sereis reconstruídas, e reerguerei as ruínas de Jerusalém’. Digo a Ciro: ‘meu pastor’. Ele cumprirá toda a minha vontade, dizendo a Jerusalém: “Tu serás reconstruída’, e ao Templo: ‘Tu serás restabelecido’.”³⁴

Com isso, as profecias sobre a destruição de Jerusalém foram consumadas. Israel estava tomado de esperança para um futuro glorioso:

Trazei vossa querala, diz Iahweh, apresentai vossas razões, diz o rei de Jacó. Tragam-no e mostrem-nos o que há de acontecer. Mostrai-nos as coisas passadas, para que meditemos sobre elas e conheçamos o seu fim. Ou então anunciai-nos o que está por vir, mostrai-nos o que há de vir em seguida, e saberemos que sois deuses. Ao menos, fazei algo de bom ou de mau, de modo que sintamos pavor e respeito!³⁵

Também dentro das razões históricas, o Dêutero-Isaías cita a dinastia davídica apenas uma vez, “transferindo este privilégio a toda a nação”³⁶:

Escutai-me e vinde a mim, ouvi-me e vivereis, Farei convosco uma aliança eterna, assegurando-

³³ STUHLMUELLER,2008,p. 662.

³⁴Is 44,26b-2.

³⁵Is 41,21-23.

³⁶STUHLMUELLER,2008, p. 662.

vos as graças prometidas a Davi. Com efeito, eu o pus como testemunha aos povos, como regente e comandante de povos. Assim, tu chamarás por uma nação que não conheces, sim, uma nação que não te conhece acorrerá a ti, por causa de Iahweh teu Deus, à busca do Santo de Israel, porque ele te cobriu de esplendor.

O autor faz uma comparação entre os três estilos literários que se encontram no livro do profeta:

O estilo do proto-Isaías havia sido breve, crítico e impetuoso, além de brilhante no uso dos contrastes e paradoxos; sua pregação é completa, com um material autobiográfico. Já o Dêutero-Isaías e o Trito-Isaías nem sequer revelam seus nomes. O estilo do Dêutero-Isaías é redundante, expansivo, solene e lírico; o do Trito-Isaías não tem originalidade e não sabe sustentar as imagens. Embora tomado de melancolia e frustração, o Trito-Isaías tem algumas visões do futuro.³⁷

Sendo Assim, pode-se afirmar que o tom profético do chamado 1º Isaías (cap. 1-39) sustenta a autoridade da pregação do Dêutero-Isaías (cap. 40-55) e do Trito-Isaías (cap. 56-66).

Por fim, as razões doutrinárias que fundamentam a divisão do livro de Isaías estão centradas na troca de ênfase da mensagem do 1º Isaías para o Dêutero-Isaías. Nos capítulos 1-39 os habitantes de Jerusalém eram tomados pela confiança, inclinados à mentalidade materialista. Já nos capítulos 40-65, o povo no exílio precisa de consolo, não de ameaças, pois estava desencorajado.³⁸

Há também visões diferentes sobre as nações estrangeiras: “Isaías olha para as nações estrangeiras como alvo da ira divina (Is 10,15), o Dêutero-Isaías as vê como instrumento para a salvação de Israel (41,1-5;45,1-7).³⁹

Portanto, tem-se então três fundamentos (históricos, literários e doutrinários) que possibilitam falar em três autores diferentes que compõem a totalidade do livro de Isaías. Tratando propriamente nesse

³⁷STUHLMUPELLER, 2008,p. 662.

³⁸STUHLMUPELLER, 2008, p. 662.

³⁹STUHLMUPELLER, 2008, p. 662.

trabalho sobre o Dêutero-Isaías, será verificado agora sobre a possibilidade de traçar aspectos biográficos deste profeta.

1.2.2 É possível uma biografia do Dêutero-Isaías?

O Dêutero-Isaías permanece um profeta anônimo. Para Sicre Diaz, existem pretensas notas biográficas: uns afirmam que ele nasceu na Babilônia, iniciando e terminando sua atividade profética; outros defendem que ele nasceu em Jerusalém, foi um dos exilados e retornou depois de 538 a.C.; outros afirmam que ele foi um profeta da corte de Ciro. Apesar desses diferentes pontos bibliográficos, Diaz ressalta que são meras teorias, e que a biografia do 2º Isaías não deve ser o ponto de partida para entender sua mensagem profética.⁴⁰

O autor apresenta que, os pontos mais seguros de sua biografia são: um profeta entre os exilados da Babilônia e sua atuação está entre os anos 553 a 539 a.C. época em que começam as campanhas vitoriosas do rei persa Ciro. Essa datação segura se dá devido às menções que o Dêutero-Isaías faz sobre Ciro.⁴¹

Outro autor que vê inconsistências em uma pretensa descrição biográfica do profeta é Werner H. Schmidt. Para o teólogo, pode-se apenas inferir alguns pontos, como a sua localização geográfica, a Babilônia, e a época de atuação: também em torno do mesmo período citado por Sicre Diaz, entre 550 a 540, portanto, um ano antes da tomada da capital do império por Ciro.⁴²

A datação das atuações do profeta faz Schmidt concluir que suas mensagens são proferidas em uma época tardia do exílio, mas, não abrangendo a queda da Babilônia.⁴³ Por isso, afirma-se que sua mensagem é dirigida às vítimas da destruição de Jerusalém.

Outro autor que procurou apresentar uma possível biografia do Dêutero-Isaías é Stuhlmüller. Para ele, o profeta e o Trito-Isaías “pertencem a uma escola isaiânica do pensamento religioso (Is 8,16). Eles usam várias frases-chave ou temas provenientes do primeiro

⁴⁰SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL, L, 1988, p. 269.

⁴¹SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL, L, 1988, p. 269-270

⁴²SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Annemarie Hoh. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1994, p. 251.

⁴³SCHMIDT, 1994, p . 251.

Isaías”.⁴⁴ Duas palavras utilizadas pelo 2º e 3º Isaías corroboram com essa ideia: “sinal” e “O Santo de Israel”, utilizadas pelo 1º Isaías.

Tendo apresentado pontos gerais de uma possível biografia do Dêutero-Isaías, no próximo ponto, será descrito como está estruturado os capítulos 40-55 de Isaías.

1.3A ESTRUTURA DO DÊUTERO-ISAÍAS

Dentro dos capítulos 40-55, a obra tem início com o prólogo – Is 40,1-11- e é finalizada com o epílogo- Is 56,6-13.⁴⁵ A introdução do 2º Isaías é comparável ao início de Is 6: ambos com a função de apresentar o chamado do profeta.⁴⁶

A diferença entre ambos os chamados é destacado por Schmdit. Para ele, enquanto Is 6 é tomado pó suar visão do profeta, o Dêutero-Isaías tem audição “ouve o que é ainda irreconhecível na terra”.⁴⁷

Dentro do corpo do texto de Isaías 40-55, Sicre Diaz divide em dois blocos: o primeiro, Is 40-48, com foco na libertação do exílio da Babilônia e a volta à terra prometida, com destaque para o rei Ciro; o segundo, Is 49-55, tem como centralidade a restauração e glorificação de Jerusalém.

O quadro geral apresentado por Schmidt aponta alguns temas chaves na estruturação dos capítulos⁴⁸:

Capítulo	Tema
40	Prólogo. “Visão de vocação (v.1-8,9-11) Incomparabilidade de Deus. Controvérsias (v.. 12-31)
41.8ss;51	Abraão
44	Derramamento do Espírito (v.1-5). Polêmica contra as imagens (v.9ss)
41;44.24ss;45.1-7	Ciro
46ss	Queda da Babilônia. 47: cântico de zombaria
42;49;50;53	Cântico do servo de Deus
51.9ss	“Desperta [...], braço de Javé!” Lamento e resposta de Deus

⁴⁴STUHLMUELLER, 2008, p. 663.

⁴⁵SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL,L, 1988, p. 280.

⁴⁶SCHMIDT,1994, p . 254.

⁴⁷SCHMIDT, 1994, p. 254.

⁴⁸SCHMIDT, 1994, p .254.

52.7-10	Cântico escatológico da ascensão ao trono (cf. Sl 47;93;96-99)
54	Aliança de Noé (v.9s)
55	Promessa de Davi (v.3ss). Epílogo “Meus pensamentos não são vossos pensamentos.”

Tendo essa visão geral da estrutura e temas-chaves do Dêutero-Isaías, serão apresentados os principais gêneros literários que o profeta trabalha em sua obra.

1.4 GÊNEROS LITERÁRIOS

O Segundo Isaías possui uma variedade de gêneros literários. Por isso, o autor se destaca por ser um grande profeta, sabendo variar seu discurso nos diferentes gêneros literários como: oráculo de salvação; controvérsias, discursos e hinos escatológicos.⁴⁹

O gênero oráculo de salvação é conhecido no Antigo Testamento: dirige-se a pessoas que estão em dificuldade, buscando esperança. No Dêutero-Isaías, esse gênero tem uma significativa mudança: o destinatário passa a ser a totalidade do povo.⁵⁰ As duas características principais do oráculo são: o povo e suas lamentações como destinatários e a desvinculação do culto.

Nas chamadas controvérsias ou polêmicas, o profeta atua em defesa das acusações que lhe são dirigidas. Ele “defende o direito e a necessidade de sua pregação, atualiza verdades de fé negligenciadas e esquecidas”⁵¹. Essas controvérsias estão estruturadas com: base do discurso (acusação) e conclusões finais.

Dentro das controvérsias, o Segundo Isaías utiliza os elementos da linguagem sapiencial⁵². Os discursos de sabedorias, qualificados como filosóficos, contém, principalmente, a apologia do monoteísmo⁵³.

⁴⁹ STEINMANN, J. **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio**. Trad. Monjas da Abadia de Nossa Senhora das Graças. São Paulo: Paulinas, 1976. p. 205.

⁵⁰SCHMIDT, 1994, p. 252.

⁵¹SCHMIDT, 1994, p. 252.

⁵²SCHMIDT, 1994, p. 252.

⁵³STEINMANN, J., 1976, p. 206.

Quanto aos discursos de tribunal há uma desvinculação cultural. Seu conteúdo apresenta duas diferenças: defesa de Javé diante das acusações do povo e o confronto entre Javé e os outros deuses⁵⁴.

Por fim, têm-se os hinos escatológicos que “convocam todo mundo a participar do louvor e do júbilo pela salvação concedida por Deus, no futuro, mas que já irrompe aqui e agora”⁵⁵.

A variedade de gêneros literários ganha mais importância no Dêutero-Isaías quando se compreende os principais destinatários da mensagem.

1.5 OS DESTINATÁRIOS DA MENSAGEM

O principal destinatário da mensagem do Dêutero-Isaías é o povo exilado na Babilônia. Por volta do ano 550 a.C., surge o rei persa Ciro e suas conquistas. A possibilidade iminente de uma derrota da Babilônia reascende a esperança dos exilados⁵⁶.

As vítimas do exílio são destacadas também por Schmidt como os principais destinatários da mensagem profética do Dêutero-Isaías. É o restante da casa de Israel que enfrenta a desesperança do abandono do povo por parte de Javé⁵⁷.

Com uma mensagem de esperança, o autor do bloco – capítulos 40-55 - abre mão do gênero literário mais importante para o profetismo pré exílio e jugo, o anúncio da desgraça e sua justificativa da denúncia de culpa.

⁵⁴SCHMIDT, 1994, p. 253.

⁵⁵SCHMIDT, 1994, p. 253.

⁵⁶NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. **Como ler o Segundo Isaías (40-55):** Da semente esmagada brota nova vida. São Paulo: Paulus, 2004. p. 17.

⁵⁷ SCHMIDT, 1994. p. 251.

Por isso, a mensagem do Dêutero-Isaías se dirige aos exilados para fortalecer a fé do povo. São pessoas que estão cansadas e enfraquecidas. Foram saqueadas, perseguidas e oprimidas. Portando, o profeta busca a memória do êxodo, lembrando a ação libertadora de Javé.⁵⁸

Dentro dessa mensagem de esperança, há diversos temas que o Dêutero-Isaías trabalha, sempre para os mesmos destinatários e com o mesmo objetivo: reascender a esperança.

1.6. TEMAS DO DÊUTERO-ISAÍAS

A mensagem de esperança que o profeta Isaías proclama ao povo exilado apresenta temas diversos.

1.6.1 Um novo êxodo

O tema faz memória do primeiro êxodo. Para Stuhlmüller, é o tema central de toda a obra do Dêutero-Isaías, sustentando os capítulos 40-55.⁵⁹ No capítulo de Is 43,16ss, fica evidente esse tema.

Assim diz Iahweh, aquele que abre um caminho pelo mar, uma vereda por meio das águas impetuosas, que conduziu para a luta carros e cavalos, um exército de homens de valor, todos unidos. Ei-los prostrados, para não tornarem a levantar-se; extinguiram-se, foram apagados como mecha. Não fiqueis a lembrar coisas passadas, não vos preocupeis com acontecimentos antigos. Eis que farei uma coisa nova, ela já vem despontando: não a percebeis? Com efeito, estabelecerei um caminho no deserto, e rios em lugares ermos.⁶⁰

Sendo assim, o retorno a Jerusalém, sua reconstrução, bem como do Templo, tornam-se o principal motivo de esperança do povo.⁶¹

⁵⁸ NAKANOSE, 2004, p. 17.

⁵⁹ STUHLMUELLER, 2008, p. 663.

⁶⁰ Is 43,16-19.

⁶¹ SCHMIDT, 1994, p. 255.

1.6.2 **Ciro**

A memória do primeiro êxodo é atualizada através da figura histórica do rei persa **Ciro**. O autor considera **Ciro** como unguindo de **Javé**, ao qual conduzirá seu povo novamente a **Jerusalém** (cf. Is 45,1-2).

O rei e suas ações não possuem um fim em si mesmo, mas “recebe o encargo de conquistar a **Babilônia** e libertar os exilados só dentro do contexto maior da obra salvífica de **Javé**”⁶²

1.6.3 **Javé criador**

As promessas de um novo êxodo estão fundamentadas no tema da criação, para demonstrar o poder de **Javé**.⁶³ Schmidt ainda ressalta que o profeta ao tratar da criação inova algo surpreendente em relação ao profetismo antigo. Para **Stuhlmüller**:

O **Dêutero-Isaiás** não introduz o tema de **Iahweh Criador** como uma prova ou razão, mas, em vez disto, como uma indicação da forma excepcionalmente nova e expansiva do que vai acontecer a **Israel**. O vocabulário de criação de **Dêutero-Isaiás** é rico (*bara*, “criar”, ocorre 16 vezes).⁶⁴

1.6.4 **Salvação universal**

O **Dêutero-Isaiás** possui uma visão universalista em relação à salvação. Para o profeta “sendo o único Deus no mundo, **Javé** é necessariamente o Deus de todos os homens”⁶⁵ Para **Schmidt**, a mensagem de esperança do profeta anuncia um futuro próximo, no sentido escatológico.⁶⁶

⁶²SCHMIDT, 1994, p. 256.

⁶³SCHMIDT, 1994, p. 257.

⁶⁴STUHLMUELLER, 2008, p. 664.

⁶⁵STEINMANN, 1976, p. 216.

⁶⁶SCHMIDT, 1994, p. 258.

Schmidt também destaca que “Essa salvação de forma alguma se restringe aos que são atingidos diretamente, mas se concretiza visivelmente diante de todo o mundo e até inclui todos os povos.”⁶⁷

O Segundo Isaías deixa de situar Javé exclusivamente no Templo de Jerusalém. Com isso, sendo um Deus único, o profeta não podia admitir que os demais povos adorassem deuses inferiores.⁶⁸ O autor conclui, que “O segundo Isaías é o primeiro profeta explícita e absolutamente universalista”.⁶⁹

1.6.5 A natureza de Javé

Uma das características principais do profetismo é o tema do monoteísmo. No Dêutero-Isaías há uma novidade: “O Segundo Isaías, porém, é o primeiro a dar longas explicações de Javé a respeito de si mesmo, de sua natureza, a formular sua eternidade”.⁷⁰

Com isso, Steinmann aponta que: “Pela primeira vez, o monoteísmo era expresso por um profeta sob uma forma que quase poderia chamar de filosófica”.⁷¹ Portanto, é uma característica do profeta dar longas explicações da natureza de Javé. É uma mensagem que afirma o absolutismo de Deus sobre o mundo inteiro, o cosmos e toda a história humana.⁷²

1.6.6 O Dêutero-Isaías e a Tradição Davídica

No Segundo Isaías é abolida a tradição da dinastia do rei Davi. O título de rei é designado a Javé: “O teu Deus reina”.⁷³ O título de ungido é dado ao rei persa Ciro: “Assim diz Iahweh ao seu ungido, a Ciro, que tomei pela destra”.⁷⁴

Também as graças prometidas a Davi são transferidas para o povo: “Farei convosco uma aliança eterna, assegurando-vos as graças

⁶⁷SCHMIDT, 1994, p. 258.

⁶⁸STEINMANN, 1976, p. 216.

⁶⁹STEINMANN, 1976, p. 217.

⁷⁰STEINMANN, 1976, p. 213.

⁷¹STEINMANN, 1976, p. 213.

⁷²STEINMANN, 1976, p. 214.

⁷³Is 52,7.

⁷⁴Is 45, 1.

prometidas a Davi”.⁷⁵ Por isso, Steinmann conclui que o povo herda as promessas messiânicas feitas a Davi, assumindo a figura do Servo Sofredor.⁷⁶

Todavia, para Schmidt, essa questão não é tão simples. O autor levanta uma problemática sobre as profecias messiânicas:

Isso significa que na mensagem do profeta do exílio – ao contrário do que acontece com seus precursores:

[...] não há mais espaço para profecias messiânicas? Devemos inserir a figura enigmática do *Servo de Deus* nesse contexto teológico, isto é, devemos interpretá-la como sendo o ‘ministro do rei’ (cf. 2Rs, 22,12), ou seja, o encarregado do rei Javé?⁷⁷

Com essa problemática, pode-se entender e trabalhar o Quarto Cântico do Servo Sofredor no contexto do Dêutero-Isaías.

1.7 O QUARTO CÂNTICO DO SERVO NO DÊUTERO-ISAÍAS

Dentro do bloco do livro de Isaías, há os quatro cânticos do Servo de Javé. Esta divisão foi proposta por Duhm e aceita amplamente pelos exegetas bíblicos. Duhm estabelecia a tradicional divisão da seguinte forma: 1º cântico – Is 42,14; 2º cântico – Is 49,1-6; 3º cântico – Is, 50, 4-9; 4º cântico Is 52,13-53,12.⁷⁸

Para Duhm, esses cânticos “nada tem haver com o seu contexto atual, nem foram escritos pelo Dêutero-Isaías.”⁷⁹ Stuhlmueller também corrobora com a tese dos cânticos serem blocos à parte de Is 40-55. Para ele, há problemas redacionais, no qual versículos adjacentes são descolados, como em Is 48,22 e Is 57,21.⁸⁰

Outro argumento utilizado por Stuhlmueller refere-se à seguinte observação:

Além disso, se removidos os quatro cânticos juntamente com os fragmentos ao redor deles, o texto de Dêutero-Isaías lê mais suavemente: a

⁷⁵ Is 55, 3b.

⁷⁶ STEINMANN, 1976, p. 218.

⁷⁷ SCHMIDT, 1994, p. 258.

⁷⁸ SICRE DIAZ, J.L.; ALONSO SCHOKEL, L., 1988, p. 271.

⁷⁹ SCHMIDT, 1994, p. 277.

⁸⁰ STUHLMUELLER, 2008, p. 664.

cena de julgamento em 41,21-20 continua em 42,8-9, o novo êxodo de 48,21-22 em 49,9b-12; a imagem do tecido em 50,3 com 50,9b. Quando fora do contexto, os quatro cânticos do servo adquirem seu próprio desenvolvimento teológico particular.⁸¹

Essas características são destacadas em cada um dos cânticos: no 1º cântico o Servo é apresentado ao público para proclamar a graça a todos os povos; no 2º cântico, o Servo deve restaurar a casa de Israel e ser luz para todos os povos; no 3º cântico é apresentado os temas dos dois primeiros, a missão do servo de pregar, e também a graça de Deus perante o sofrimento do Servo; no 4º cântico a mensagem central é a morte do servo e seu valor expiatório.⁸²

Diante da problemática sobre a relação dos quatro cânticos com o contexto do Segundo Isaías, passa-se para outra questão bastante discutida: a identidade do Servo. Sicre Diaz apresenta quatro principais teorias para a interpretação da identidade do Servo: coletiva, individual, mista e messiânica

Para uma interpretação coletiva, Sicre Diaz destaca a idéia típica do Dêutero-Isaías: Israel é o Servo de Deus (41,8;44,1;45,4;49,3). Todavia, essa teoria tropeça com uma dificuldade capital: em certas passagens o Servo e o povo são contrapostos (49,5-6;53,8).⁸³

Em relação à interpretação individual, Sicre Diaz destaca os traços pessoais que aparecem no Servo.⁸⁴ Por isso, diversos personagens históricos foram identificados com o Servo: Isaías, Ozias, Ezequias, Josias, Jeremias, o rei Ciro, entre outros. Até mesmo o próprio Dêutero-Isaías foi identificado como o Servo, tendo um discípulo sendo o autor do 4º cântico.

Para a interpretação mista, o argumento maior afirma a impossibilidade de identificar a figura do Servo exclusivamente coletiva ou individual. Sicre Diaz critica essa teoria, pois os argumentos dos teóricos, além de artificiais, contrariam totalmente a teoria de Duhm: os quatro cânticos estão totalmente dentro do contexto do Dêutero-Isaías.⁸⁵

Por fim, tem-se a interpretação messiânica, na qual os cânticos tiveram sua plena realização em Cristo. Schmidt aponta para a segunda

⁸¹STUHLMUELLER, 2008, p. 665.

⁸²SCHMIDT,1994, p. 259.

⁸³SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL,L, 1988, p. 278.

⁸⁴SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL,L, 1988, p. 278.

⁸⁵SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL,L, 1988, p. 278.

questão: “será que os três primeiros cânticos não apontam de antemão para Is 53, de modo que esses quatro textos deveriam ser compreendidos como uma única unidade?”⁸⁶

As particularidades do 4º cântico apontam ainda mais para uma interpretação messiânica, tendo Jesus Cristo como o cumpridor da profecia. Schmidt destaca que as constatações do 4º cântico apontam para o futuro, pois transcendem as experiências históricas do Dêutero-Isaías.⁸⁷

Steinmann destaca que o sacrifício expiatório humano era algo conhecido e praticado pela antiguidade israelita. Porém, o autor afirma:

Esse drama expiatório e redentor, vivido no exílio pelos deportados, podia ser revivido no futuro, por um homem de carne e sangue, cujo destino trágico e glorioso torna-se ia exemplar, significativo e eficaz. O Segundo Isaías não o afirma, mas seu cântico fúnebre e luminoso serve de forma predeterminada a esta figura que ainda virá.⁸⁸

Concluindo, então, esse primeiro capítulo, o trabalho presente será direcionado para um levantamento teórico na linha da interpretação messiânica, tendo Jesus como o cumpridor do quarto cântico do Servo.

Para isso, o próximo capítulo tratará de trabalhar o texto em si, trazendo à tona comentários exegéticos do quarto cântico, com objetivo de identificar possíveis elementos que fundamentam uma interpretação messiânica.

⁸⁶SCHMIDT, 1994, p. 261.

⁸⁷SCHMIDT, 1994, p. 261.

⁸⁸STEINNMANN, 1976, p. 193.

2 EXEGESE DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR (Is 52,13-53,12)

O 2º Capítulo deste trabalho abordará o 4º Cântico do Servo Sofredor, em Isaías, apresentando os comentários exegéticos. Serão utilizados autores que analisam o texto em si, cada versículo, com suas contribuições exegéticas.

Como este trabalho tem como objetivo fundamentar o mistério da Paixão de Cristo, segundo o texto do servo sofredor, também serão apresentados que os fazem uma leitura cristológica. Esses interpretam o texto à luz do evento da morte e ressurreição de Jesus.

Sendo assim, este capítulo estará estruturado da seguinte forma: introdução ao tema do texto, bem como sua temática dentro do contexto do Dêutero-Isaías e sua unidade redacional; a estrutura sistematizada do texto; as questões sobre a identidade do servo e do narrador; o quarto cântico e suas versões em diferentes textos; e por fim, comentários exegéticos do texto.

2.1 A TEMÁTICA DO 4º CÂNTICO

O conteúdo que o Dêutero-Isaías apresentará em seu objetivo trata de um servo do Senhor, inocente, que carrega os pecados de um povo e seu sacrifício será motivo de perdão dos pecados da multidão. Não obstante, o conteúdo é estranho em comparação a outros textos do Antigo Testamento.

Sua construção é muito simples: há uma introdução e um epílogo – Deus que fala; o corpo do texto é a narração da paixão, morte e triunfo do servo.⁸⁹ A temática encontra-se com um estilo pesado e solene, um verdadeiro lamento fúnebre.⁹⁰

Há duas vozes que falam no texto: Iahweh que apresenta seu servo e o “nós” que assume a culpa pelo sofrimento do servo.⁹¹ Existe

⁸⁹SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL,L, 1988, p. 338.

⁹⁰ STUHLMUELLER, 2008, p. 662.

⁹¹ VERMEYLEN, Jacques. **O livro de Isaías**: Uma catedral literária. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: Loyola, 2019. p. 191.

uma contraposição entre a humilhação sofrida pelo servo e sua futura glorificação.⁹²

No centro da mensagem está algo novo:

O servo vai ser apresentado como vítima expiatória por seu povo, e isso que é verdadeiramente novo nesta nova revelação. Esse caráter dos sofrimentos em satisfação pelos demais é totalmente desconhecido no Antigo Testamento fora destas passagens, e ainda mais surpreendente é que o Servo será glorificado em virtude destes sofrimentos pelos demais.⁹³

Percebe-se que o autor trabalha como uma mensagem nova, algo nunca narrado no Antigo Testamento: a expiação dos pecados recai sobre um indivíduo.

2.1.1 A temática do 4º Cântico dentro do Dêutero-Isaías

O cântico em questão é precedido por três cânticos do servo do Senhor. Em Isaías 49,4 e 49,7, o sofrimento do personagem começa a aparecer no 2º cântico.⁹⁴ Esse sofrimento forma o cerne do 3º cântico que aponta a missão final do servo.

Motyer analisa também o enquadramento do 4º cântico nos textos anteriores e posteriores. Para ele, encontram-se as três chamadas de salvação universal nos capítulos 51 e 52 de Isaías. Esses antecipam algo que deve acontecer, revelado por Deus no servo que sofre. Posteriormente a justiça é estabelecida no capítulo 54. Então, no capítulo 55, as promessas foram cumpridas, que foram centralizadas no 4º cântico.⁹⁵

⁹² CORDEIRO, Garcia M. **Bíblia Comentada: Libros Proféticos**. Madrid: La Editorial Católica, 1961. p. 314.

⁹³ “El Siervo va a ser presentado como victima expiatória por su pueblo, y esto es lo verdaderamente nuevo em esta nueva revelación. Esse carácter de los sufrimientos em satisfacción por los demás Es totalmente desconocido em El Antigo Testamento fuera de estos pasajes; y más sorprendente aún ES que El Siervo será glorificado em virtud de estos sufrimientos por los demás.” (CORDEIRO, 1961, p. 316, tradução nossa).

⁹⁴ MOTYER, Alec J. **O Comentário de Isaías**. Trad. Regina Aranha e Helena Aranha. São Paulo: Sheed Publicações, 2016. p. 565.

⁹⁵ MOTYER, 2016, p. 565.

2.1.2 A unidade redacional do 4º Cântico

Há uma problemática levantada por Jacques Vermeylen: o 4º cântico possui um texto único ou houve acréscimos redacionais? O autor afirma que há um acréscimo posterior:

O quarto poema do Servo comporta, portanto, dois estrados literários. O elemento base é formado pelo narrador “nós” em 53,1-8b.10, sem designação do homem sofredor, como “Servo de Yhwh”. Essa identificação provém de um segundo redator, que interpreta o texto original por meio de um enquadramento exterior (52,12-15; 53, 11-12) e de outro acréscimo (vs 8c-9).⁹⁶

Portanto, o autor destaca que, basicamente o corpo do texto (53,1ss) , na qual o “nós” que narra é o texto mais antigo, enquanto a introdução (52, 12-15) e o epílogo (53, 11-12) são acréscimos posteriores.

2.2 ESTRUTURA SISTEMATIZADA DO TEXTO

Conforme já foi citado, a temática do Quarto Cântico possui uma narração em que, há um Deus que fala (Ele) e o nós que narra, formando assim, o corpo do texto.

No seu comentário sobre o Dêutero-Isaiás, Stuhlmüller apresenta a estrutura da seguinte forma⁹⁷:

- (1) 52, 13-15 Iahweh que fala sobre a admiração
- (2) 53,1-11a: Ação de graças pelo sofrimento, na qual o corpo narrativo é subdividido por:
 - (2.1) vs 1 -3: narração dos sofrimentos
 - (2.2) vs 4-6: sofrimento como parte do ministério do Servo
 - (2.3) vs 7-9: aceitação do sofrimento em silêncio
 - (2.4) vs 10-11a: os frutos do sofrimento
- (3) 53,11b-13: Conclusão. Novamente Iahweh que fala

⁹⁶ VERMEYLEN, 2019, p. 195

⁹⁷ STUHLMUELLER, 2008, p.685.

Outro autor que apresenta uma estruturação semelhante, conforme no esquema de que há Deus que fala e um “nós” que narra, é Motyer. Para ele, há um padrão classificado como “a-b-b-a”, em que, “a” é o Senhor falando sobre o Seu servo e “b” são as descrições e explicações da experiência do sofrimento do servo.

A estrutura esquematizada de Motyer é apresentada desta forma⁹⁸:

A¹ O enigma: a exaltação e a humilhação (52,13-15)

O testemunho do Senhor para seu servo (13) mesclando-se (14) na descrição do sofrimento do Servo e das reações a esse sofrimento

B A revelação: o testemunho humano, fundamentado na revelação divina, testificando o fato e o sentido do sofrimento e da morte do Servo (53,1-9)

B¹ O sofrimento observado e mal entendido (v. 1-3)

B² O sofrimento explicado (v. 4-6)

B³ O sofrimento, voluntário e imerecido (v. 7-9)

A² A solução: a exaltação por meio do sofrimento de carregar o pecado (10-12)

A explicação do sofrimento do Servo (v. 10-11b) mesclando-se no testemunho do Senhor para seu Servo (v. 11c -12).

2.3 AS QUESTÕES SOBRE A IDENTIDADE DO SERVO E DO GRUPO “NÓS” QUE NARRA O CORPO DO TEXTO

O texto do servo no Dêutero-Isaías é apresentado com uma narrativa simples, conteúdo claro, mas ao mesmo tempo, enigmático. A novidade apresentada em todo o Antigo Testamento provém de certos questionamentos que o texto interpela ao leitor.

Algumas perguntas são elencadas por Vermeylen sobre a identidade do servo e seus sofrimentos. Para o exegeta duas questões básicas surgem primeiramente: quem é o servo (‘ebed – hebraico), será um indivíduo ou um grupo?; Os sofrimentos narrados, são um relato biográfico ou simbólico.⁹⁹

⁹⁸ MOTYER, 2016 , p. 565-566

⁹⁹ VERMEYLEN, 2019, p. 186-187.

Também sobre o sofrimento, outra pergunta é colocada, sobre três causas de sofrimento do servo: como conciliar as diferentes narrativas do capítulo 53. Na qual, nos vs 3.7 o servo é perseguido pelos compatriotas, nos v. 4.6.10 é Yahweh que golpeia o servo e 11b-12 o personagem sobrecarrega a si mesmo?¹⁰⁰

Dúvidas surgem também em relação ao grupo que narra: quem será o nós dos vs 1-6? povos e reis? os discípulos do servo?, o povo de Israel?¹⁰¹ São questões como essas que autores procuraram dar diferentes respostas tanto para o servo quando para o “nós”, conforme apresentado no capítulo anterior.

A interpretação indicativa aqui escolhida será o servo como figura messiânica, encarnado por Jesus Cristo. Para Stuhlmüller “a tradição pré- cristã entre os judeus interpretava este cântico messianicamente.”¹⁰²

Textos do Novo Testamento indicaram Jesus como a figura do Servo Sofredor: no seu batismo (Mc 1,-11); em seus milagres (Jo 1,34; Mt 8,17); na sua humildade (Mc 12,16-21). Também nos Atos dos Apóstolos (cf 2,13.26; 4,27.30; 8,32) Jesus é a figura presente em Isaías, assim como em hinos da Igreja primitiva (cf Fl 2,7; 1Pd 2,21-25).¹⁰³

Por essa indicação da figura de Jesus o presente trabalho se utilizará de autores que, em sua exegese de Is 52,13-53,12, interpretam os acontecimentos narrados como profecia cumprida plenamente em Jesus Cristo.

2.4 O QUARTO CÂNTICO DO SERVO E SUAS VERSÕES EM DIFERENTES TEXTOS

Para começar a fazer uma análise de cada versículo do texto, faz-se necessário apresentar o texto original e suas versões de acordo com traduções diferentes. Sendo assim, segue abaixo um esquema com o texto em diferentes versões, contando com: o texto hebraico original; em grego da Septuaginta; em latim, da versão Vulgata. Na versão traduzida para o português, serão utilizados dois textos diferentes: Bíblia de Jerusalém e o texto litúrgico.

Vv.	Bíblia de Jerusalém ¹⁰⁴	Hebraico ¹⁰⁵	Grego ¹⁰⁶	Latim ¹⁰⁷	Texto Litúrgico ¹⁰⁸
-----	------------------------------------	-------------------------	----------------------	----------------------	--------------------------------

¹⁰⁰VERMEYLEN, 2019, p. 187.

¹⁰¹VERMEYLEN, 2019, p. 187.

¹⁰²STUHLMUELLER, 2008, p. 685.

¹⁰³STUHLMUELLER, 2008, p. 685.

¹⁰⁴Is, 52,13-53,12.

52,1 3	Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas.	<p>נִתְנַהַר כְּוֹסֵי כִיל דְּשִׁדְיָהוּם שְׁשֵׁי בְּתִבְהַ :מְאִדְ</p>	<p>ἴδου συνήσει ὁ παῖς μου καὶ ὕψωθήσεται καὶ δοξασθήσεται σφόδρα</p>	<p>Ecce prospere aget servus meus; exaltabit ur et elevabitur et sublimis erit valde.</p>	<p>Ei-lo, o meu servo será bem-sucedido; sua ascensão será ao mais alto grau.</p>
vs 14	<p>Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem-</p>	<p>כָּאֵ שְׁשֵׁי מִשְׁמַח עַל לִבָּהּ בְּבָבִים תִּשְׁחַתּוּ מִשְׁחַת אֶת אִישׁ אֶת אֶהוּ וְתֵ רֵת מִמֶּנִּי :אִדְ</p>	<p>ὄν τρόπον ἐκστήσονται ἐπὶ σὲ πολλοί οὕτως ἀδοξήσῃ ἀπὸ ἀνθρώπων τὸ εἶδος σου καὶ ἡ δόξα σου ἀπὸ τῶν ἀνθρώπων</p>	<p>Sicut obstupue runt super eum multi, sic deformis erat, quasi non esset hominis species eius, filiorum hominis aspectus eius,</p>	<p>Assim como muitos ficaram pasmados ao vê-lo – tão desfigurada ele esava, que não parecia ser um homem ou ter aspecto humano -,</p>
vs 15	<p>Assim, agora nações numerosas ficarão</p>	<p>כְּכַפְּ יִהְיֶה לָּם! בְּבָבִים</p>	<p>οὕτως θαυμάσσονται ἔθνη πολλὰ ἐπ’ αὐτῷ καὶ</p>	<p>sic disperget gentes multas.</p>	<p>Do mesmo modo ele espalhará sua fama entre os</p>

¹⁰⁵BIBLIA Hebraica Stuttgartensia. Ed. Quinta Emendata. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

¹⁰⁶SEPTUAGINTA. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1979.

¹⁰⁷NOVA VULGATA Bibliorum Sacrorum Editio. Ed. Altera. Vaticano Disponível em :<https://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_vt_isaiae_lt.html#5>. Acesso em abr. 2022.

¹⁰⁸CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Palavra do Senhor I – Lecionário Dominical A-B-C**. 21.ed.São Paulo: Paulus, 2022. p. 158-159.

	<p>estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinham ouvido.</p>	<p>לְעַלְיוֹן צִלְמֵי כְּתוּבִים פִּיהֶם ד כִּכְפֹּ שִׁשְׁשֶׁר פִּלְאֵי לְהֵ אֲמַר שִׁשְׁשֶׁר עַל־שִׁמְעוּ הַתְּבוֹנִים:</p>	<p>συνέξουσιν βασιλεῖς τὸ στόμα αὐτῶν ὅτι οἷς οὐκ ἀνηγγέλη περὶ αὐτοῦ ὄψονται καὶ οἱ οὐκ ἀκηκόασιν συνήσουσιν</p>	<p>Super ipsum continebunt reges os suum, quia, quae non sunt narrata eis, viderunt et, quae non audierunt, contemplati sunt</p>	<p>povos. Diante dele os reis se manterão em silêncio, vendo algo que nunca lhes foi narrado e conhecendo coisas que jamais ouviram</p>
<p>53,1</p>	<p>Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de Iahweh?</p>	<p>מִמֶּנִּי מִהֶמְיִן תִּלְשֵׁם רַחֲמֵי נִהְיֶה תְּהַלְמִי נִגְלֶתָה</p>	<p>Κύριε τίς ἐπίστευσεν τῇ ἀκοῇ ἡμῶν καὶ ὁ βραχίον κυρίου τίτι ἀπεκαλύφθη</p>	<p>“ Quis credidit auditui nostro, et brachium Domini cui revelatum est?</p>	<p>Quem de nós deu crédito ao que ouvimos? E a quem foi dado reconhecer a força do Senhor?</p>
<p>vs 2</p>	<p>Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar</p>	<p>יִי־ע נִכְלֹנֶק נִלְפִינִי וְכֹ שִׁשְׁשֶׁר אֲמַרְךָ צִיִּי ה תִּלְתֵּת לִלְלֵ נִקְדָּר</p>	<p>ἀνηγγείλαμεν Ἐναντίον αὐτοῦ ὡς παιδίον ὡς ῥίζα ἐν γῆ διψώσῃ οὐκ ἔστιν εἶδος αὐτῷ οὐδὲ δόξα καὶ εἶδομεν αὐτόν καὶ οὐκ εἶχεν εἶδος οὐδὲ κάλλος</p>	<p>Et ascendit sicut virgultum coram eo et sicut radix de terra sitienti. Non erat species ei neque decor, ut aspicere mus eum, et non erat</p>	<p>Diante do Senhor ele cresceu como renovo de planta ou como raiz em terra seca. Não tinha beleza nem atrativo para o olharmos, não tinha aparência que nos agradasse,</p>

		<p>אֲנִי אֶחָד וְלִי אֲנִי אֶחָד וְנִחַמְתֶּהוּ :</p>		<p>aspectus, ut desiderar emus eum.</p>	
vs 3	<p>Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.</p>	<p>נָבַד תּוֹרַתִּי שְׂשׁוֹנִים אֲנִי בְּמִתְעַבְבוֹת עֵינָי חֲחִיץ וְ מִסְתֵּר פְּנִים מִמֶּנּוּ נִבְזָה וְלֹא חֲשַׁבְנָהוּ:</p>	<p>ἀλλὰ τὸ εἶδος αὐτοῦ ἄτιμον ἔκλειπον παρὰ πάντας ἄνθρώπους ἄνθρωπος ἐν πληγῇ ὧν καὶ εἰδὼς φέρειν μαλακίαν ὅτι ἀπέστραπται τὸ πρόσωπον αὐτοῦ ἠτιμάσθη καὶ οὐκ ἐλογίσθη</p>	<p>Despectu s erat et novissim us virorum, vir dolorum et sciens infirmitat em, et quasi absconde bamus vultum coram eo; despectu s, unde nec reputaba mus eum.</p>	<p>Era desprezado como o último dos mortais, homem coberto de dores, cheio de sofrimentos; passando por ele, tapávamos o rosto; tão desprezível era, não fazíamos caso dele.</p>
vs 4	<p>E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobri si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo,</p>	<p>כִּי כִּי אֲנִי אֶחָד וְלִי אֲנִי אֶחָד וְנִחַמְתֶּהוּ :</p>	<p>οὗτος τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν φέρει καὶ περὶ ἡμῶν ὀδυνᾶται καὶ ἡμεῖς ἐλογισάμεθα αὐτὸν εἶναι ἐν πόνῳ καὶ ἐν πληγῇ καὶ ἐν κακώσει</p>	<p>Vere languores nostros ipse tulit et dolores nostros ipse portavit; et nos putavimu s eum quasi</p>	<p>A verdade é que ele tomava sobre si nossas enfermidades e sofria, ele mesmo, nossas dores; e nós pensávamos fosse um chagado, golpeado por Deus e</p>

	ferido por Deus e humilhado.	<p>גִּבּוֹעַ כְּמַכָּה הָאֱלֹהִים מַעֲנָה:</p>		plagatum , percussu m a Deo et humiliatu m.	humilhado!
vs 5	Mas ele foi trespassado por causa de nossas transgressões, esmagado por causa de nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados.	<p>וְהוֹ אֶל מַחֲאֵל שֶׁמֶשׁ עֲוֹנוֹ כְּמַכָּה תַּחַת יְדֵינוּ מוֹ סֹסֹ מִלְחָמוֹ לְעַלְיוֹ תַּחַת חַבְתּוֹ נִרְפָּא לָנוּ :</p>	<p>αὐτὸς δὲ ἐτραυματίσθη διὰ τὰς ἀνομίας ἡμῶν καὶ μεμαλάκισται διὰ τὰς ἁμαρτίας ἡμῶν παιδεία εἰρήνης ἡμῶν ἐπ' αὐτόν τῷ μώλωπι αὐτοῦ ἡμεῖς ἰάθημεν</p>	Ipse autem vulneratu s est propter iniquitate s nostras, attritus est propter scelera nostra; disciplina pacis nostrae super eum, et livore eius sanati sumus.	Mas ele foi ferido por causa de nossos pecados, esmagado por causa de nossos crimes; a punição a ele imposta era o preço de nossa paz, e suas feridas, p preço da nossa cura.
vs 6	Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.	<p>כָּלֵל נוֹצֵצִים עֲשֵׂינּוּ אִי שֶׁל דְּרֵשׁ נִשְׁתַּיִנוּ וְיָהוָה גָּהַר בְּעֵינָיו אֶת כָּלֵנוּ:</p>	<p>πάντες ὡς πρόβατα ἐπλανήθημεν ἄνθρωπος τῆ ὀδῷ αὐτοῦ ἐπλανήθη καὶ κύριος παρέδωκεν αὐτὸν ταῖς ἁμαρτίαις ἡμῶν</p>	Omnes nos quasi oves erravimu s, unusquis que in viam suam declinavit ; et posuit Dominus in eo iniquitate m omnium nostrum ".	Todos nós vagávamos como ovelhas desgarradas, cada qual seguindo seu caminho; e o Senhor fez recair sobre ele o pecado de todos nós.

vs 7	Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores ele não abriu a boca.	<p>נִגְבַּ וְשִׁהוּ אֵיזָה נִעְנָה לְלֵא פְּתַח-פִּי וּ לְפָנָי וְזָזִיחַ לְמַלְמָלָה לְלֵא תַּפְתַּח פִּי:</p>	καὶ αὐτὸς διὰ τὸ κεκακῶσθαι οὐκ ἀνοίγει τὸ στόμα ὡς πρόβατον ἐπὶ σφαγῆν ἤχθη καὶ ὡς ἄμνδος ἐναντίον τοῦ κείροντος αὐτὸν ἄφωνος οὕτως οὐκ ἀνοίγει τὸ στόμα αὐτοῦ	Afflictus est et ipse subiecit se et non aperuit os suum; sicut agnus, qui ad occisione m ducitur, et quasi ovis, quae coram tondentibus se obmutuit et non aperuit os suum.	Foi maltratado e submeteu-se, não abriu a boca; como cordeiro levado ao matadouro ou como ovelha diante dos que a tosquam, ele não abriu a boca.
vs 8	Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pela transgressão do seu povo?	<p>מַעַן צָר וּמְשַׁפֵּט וְלִקְחָה וְהָיָה תַּחֲתֵינוּ מִמֶּנּוּ חַיִּים כִּכְפֹּר נִגְזָר אֶמְאָרְךָ יְהִיִּים פִּפְשֵׁעַ מִמֶּנּוּ נִגַּע לְמוֹ:</p>	ἐν τῇ ταπεινώσει ἡ κρίσις αὐτοῦ ἤρθη τὴν γενεάν αὐτοῦ τίς διηγήσεται ὅτι αἴρεται ἀπὸ τῆς γῆς ἡ ζῶη αὐτοῦ ἀπὸ τῶν ἀνομιῶν τοῦ λαοῦ μου ἤχθη εἰς θάνατον	Angustia et iudicio sublatus est. De generatio ne eius quis curabit? Quia abscissus est de terra viventium ; propter scelus populi mei percussus est ad	Foi atormentado pela angústia e foi condenado. Quem se preocuparia com sua história de origem? Ele foi eliminado do mundo dos vivos; e por causa do pecado do meu povo, foi golpeado até morrer.

				mortem.	
vs 9	Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca.	<p>וַיִּתְּנוּ אֶת־רֶשֶׁעַ יַם קְבָרָה וּ שׁוֹמְרֵי תְּבוּתָתִי וּ עַל מְלֵאֵי מַחְשָׁבֹת שֵׁשׁ־שָׁחַלָּא מִמֶּנֶּה בְּפִי:</p>	καὶ δώσω τοὺς πονηροὺς ἀντὶ τῆς ταφῆς αὐτοῦ καὶ τοὺς πλουσίους ἀντὶ τοῦ θανάτου αὐτοῦ ὅτι ἀνομίαν οὐκ ἔποιησεν οὐδὲ εὐρέθη δόλος ἐν τῷ στόματι αὐτοῦ	Et posuerunt sepulcrum eius cum impiis, cum divitibus tumulum eius, eo quod iniquitate non fecerit, neque dolus fuerit in ore eius.	Deram-lhe sepultura entre ímpios, um túmulo entre os ricos, porque ele não praticou o mal nem se encontrou falsidade em suas palavras.
vs 10	Mas Iahweh quis esmagá-lo pelo sofrimento. Porém, Se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus triunfará.	<p>וַיְהִי נִפְכָּפוּ וְנִכְאָוּ לְקַחְתִּי שְׂאֵם־שֵׁשׁ אֶשֶׁשׁ נִפְשָׁה וּ יְהִי אֶתְּחַיֶּה רִגְרִיר מִמִּים חַחֲפָה יְהִי־יְהוָה אֶלְחָ:</p>	καὶ κύριος βούλεται καθαρῖσαι αὐτὸν τῆς πληγῆς ἐὰν δῶτε περὶ ἁμαρτίας ἡ ψυχὴ τῶν ὀψεται σπέρμα μακρόβιον καὶ βούλεται κύριος ἀφελεῖν	Et Dominus voluit conterere eum infirmitate. Si posuerit in piaculum animam suam, videbit semen longaeuum, et voluntas Domini in manu eius prospera bitur.	O Senhor quis macerá-lo com sofrimentos. Oferecendo sua vida em expiação, ele terá descendência duradoura e fará cumprir com êxito a vontade do Senhor.

<p>vs 11</p>	<p>Após o trabalho fatigante da sua alma verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões.</p>	<p>מְהַמְּלֵךְ נְפִישׁוֹ אֶרְאֶה ה שׁוֹ בְּבִבְיָתָהּ ו יָצַדְתִּי וְיִדְוִקוּ וְיִעֲבֹדוּ בְּלִבִּי ד וְיִגְוֶהוּ תַתְּמוּתָהּ הִיא :לְבִי!</p>	<p>ἀπὸ τοῦ πόνου τῆς ψυχῆς αὐτοῦ δεῖξαι αὐτῷ φῶς καὶ πλάσαι τῆ συνέσει δικαιῶσαι δίκαιον εὖ δουλεύοντα πολλοῖς καὶ τὰς ἁμαρτίας αὐτῶν αὐτὸς ἀνοίσει</p>	<p>Propter laborem animae eius videbit lucem, saturabitur in scientia sua. Iustificabit iustus servus meus multos et iniquitate se eorum ipse portabit.</p>	<p>Por esta vida de sofrimento, alcançará luz e uma ciência perfeita. Meu servo, o justo fará justos inúmeros homens, carregando sobre si suas culpas.</p>
<p>vs 12</p>	<p>Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão.</p>	<p>כְּלִכּוֹן לְאֶמְלָאָה לְבְּרִיבֵי ד וְאֶתְּצַוְמִי מֵיָמִים שְׁלָלָתִי תְּשַׁמְּשֵׁנִי כְּהַעֲרָה מַלְמוֹת נְפִישׁוֹ ו אֶתְּשַׁמְּשֵׁנִי עַתְּמוּתָהּ</p>	<p>διὰ τοῦτο αὐτὸς κληρονομήσει πολλοὺς καὶ τῶν ἰσχυρῶν μεριεῖ σκῦλα ἀνθ' ὧν παρεδόθη εἰς θάνατον ἢ ψυχὴ αὐτοῦ καὶ ἐν τοῖς ἀνόμοις ἐλογίσθη καὶ αὐτὸς ἁμαρτίας πολλῶν ἀνήνεγκεν καὶ διὰ τὰς ἁμαρτίας αὐτῶν</p>	<p>Ideo dispertiam ei multos, et cum fortibus dividet spolia, pro eo quod tradidit in mortem animam suam et cum sceleratis reputatus est; et ipse peccatum multorum</p>	<p>Por isso, compartilharei com ele multidões e ele repartirá suas riquezas com os valentes seguidores, pois entregou o corpo à morte, sendo ontado como um malfeitor; ele, na verdade, resgatava o pecado de todos e intercedia em favor dos pecadores.</p>

		נִמְנָן ה וְהוֹ אֵא בְּחֹטְאֵי תַבְיִים נִשְׁשׁ א ל עַשְׂעִים יִפְגִּיעַ: ס	παρεδόθη	tulit et pro transgres soribus rogat.	
--	--	--	----------	---	--

2.5 EXEGESE DO QUARTO CÂNTICO

Os comentários exegéticos estarão divididos em duas das seções: a primeira, referente à perícopre de Isaías 52,13-15; a segunda remete à continuação do texto no capítulo 53, terminando no versículo 12. Serão apresentados autores que trabalham o texto em si, como também autores que interpretam de acordo com o evento Jesus do Novo Testamento.

A interpretação cristã terá duas obras principais como base: A Bíblia Comentada pelos Padres da Igreja¹⁰⁹ e os comentários de Lutero sobre o texto do Servo Sofredor. O texto dividido em cada versículo para seus respectivos comentários será oriundo da versão Bíblica de Jerusalém.

O autor da coleção dos comentários bíblicos feitos no período da patrística apresenta alguns comentários gerais sobre temas do texto: crer no que tem ouvido e a revelação do braço do Senhor são as perguntas que preparam os que irão crer no Filho de Deus

¹⁰⁹ Título original: La Biblia Comentada por os Padres de La Iglesia

(Rufino¹¹⁰).¹¹¹Orígenes¹¹² comenta que o Messias, Filho de Deus, não foi considerado em sua beleza no julgamento humano¹¹³.

O autor ainda apresenta outros comentários patrísticos: Para São João Crisóstomo¹¹⁴, Jesus revelou sua graça e sua beleza quando foi pregado na cruz¹¹⁵; São Gregório Nazianzeno¹¹⁶ comenta que os que desprezavam Jesus não podiam conhecer a glória que estava na mente e no coração.¹¹⁷ Já Cirilo de Alexandria¹¹⁸ destaca a forma humilde em que estava contido o Verbo Divino.¹¹⁹

Com essa apresentação geral de autores cristãos, este trabalho passará a apresentar os comentários do texto em si, como também os comentários que direcionavam a Jesus Cristo.

¹¹⁰ Tirânio Rufino ou Rufino de Aquiléia, foi um teólogo cristão que viveu aproximadamente entre 342-410. Seu destaque no período patrístico se dá devido as traduções das obras originais do grego para o latim. (DROBNER, Hubertus. **Manual de Patrologia**. Trad. Orlando dos Reis; Carlos Almeida Pereira 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 358 seg).

¹¹¹ ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v. 13. p. 239.

¹¹² Orígenes de Alexandria nasceu em 185 d.C. Considerado um dos mais importantes escritores cristãos. Tem um vasto número de obras escritas que se aproximam de 600 produções. Seus comentários bíblicos se aproximam pelo método alegórico. (DROBNER, 2008, p. 147 seg).

¹¹³ ELLIOT, Mark.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUEZ, Marcelo M, 2014. p. 239.

¹¹⁴ Teólogo do século IV, se destacou como Arcebispo de Constantinopla. É um dos nomes mais importante da ortodoxia católica no período patrístico. Suas obras se destacam principalmente pelo gênero homilético. (DROBNER, 2008, p. 348 seg).

¹¹⁵ ELLIOT, Mark.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUEZ, Marcelo M, 2014. p. 239.

¹¹⁶ Teólogo e Bispo do Século IV. Junto com Basílio e Gregório de Nissa, são conhecidos como os Padres Capadócioc. Formulou sua ortodoxia como base na linguagem da filosofia grega. Sua contribuição para o desenvolvimento da teologia trinitária e de suma importância. (DROBNER, 2008, p. 305. seg).

¹¹⁷ ELLIOT, Mark.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUEZ, Marcelo M, 2014. p. 239.

¹¹⁸ Patriarca de Alexandria no século IV. Foi um dos responsáveis pelos escritos teológicos no auge das controvérsias cristológicas. Devido a sua ortodoxia, é considerado um dos pilares da fé. (DROBNER, 2008, p. 466 seg).

¹¹⁹ ELLIOT, Mark.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUEZ, Marcelo M, 2014. p. 239.

2.5.1 Isaías 52,13-15: Humilhação e Exaltação do Servo.

V. 13 *Eis que meu Servo prosperará, ele se elevará, será exaltado, será posto nas alturas.*

O Início com as palavras originais do hebraico *hinneh `abdi* (vejam meu servo/lit. “eis meu servo”) é o ponto culminante da revelação do Senhor. Essa revelação começou em Is 42,1 com “Eis o meu Servo”¹²⁰. Stuhlmüller destaca que a palavra prosperará implica a consequência da obediência do servo. A versão latina também corrobora com esse sentido, através da formulação *ecce intelligent servus meus*¹²¹.

Essa introdução já confirma o êxito do Servo. Todos os versículos posteriores estarão direcionados para esse fim glorioso daquele que sofrerá¹²². Também há uma tríplice exaltação: se elevará, será exaltado e posto nas alturas. Por isso, esse triunfo “expressa uma dignidade além de que qualquer outro merece ou recebe, com certeza, tem a intenção de ser um indício que leva à identidade do Servo.”¹²³

V. 14 *Exatamente como multidões ficaram pasmadas à vista dele – pois ele não tinha mais figura humana e sua aparência não era mais a de homem-*

As palavras que seguem a esse versículo são de sofrimento e horror da aparência desfigurada do Servo. As multidões ficaram pasmadas diante do Servo. O destaque se dá para a palavra ‘pasmadas’, devido ao sentido de lugares desolados em que aparece em outros textos, como em Gn 47,19; Lm 2,15)¹²⁴.

Os sofrimentos desfiguraram a aparência do Servo. Não parecendo mais um homem, toda a sua dignidade estava perdida.¹²⁵ De

¹²⁰ MOTYER, 2016, p. 567

¹²¹ STUHLMUELLER, 2008, p. 685.

¹²² SICRE DIAZ, J.L.; ALONSO SCHOKEL, L., 1988, p. 340.

¹²³ MOTYER, 2016, p. 567.

¹²⁴ STUHLMUELLER, 2008, p. 685.

¹²⁵ RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1986. p. 424.

acordo com Lutero¹²⁶, “o mistério e a glorificação de Cristo assumirão tal formato que o mundo todo se escandalizará com ele.”¹²⁷

V. 15 *assim, agora nações numerosas ficarão estupefactas a seu respeito, reis permanecerão silenciosos, ao verem coisas que não lhes haviam sido contadas e ao tomarem consciência de coisas que não tinha ouvido.*

Inicialmente há uma questão sobre a palavra “estupefactas”. Na versão da Septuaginta, *thaumasontai* = admirar-se ao aponta para a mesma direção. O hebraico *naza* tem o sentido de limpar ritualmente para o sacrifício, o que demonstra corretamente o termo aspergir.¹²⁸

Outra dúvida referente a esta palavra provém da sua utilização em um contexto não litúrgico. Todavia, Stuhlmüller ressalta que em outra passagem do Dêutero-Isaías (44,28), uma palavra de alusão litúrgica também é utilizada em um contexto não ritual.¹²⁹

As numerosas nações que ficarão “estupefactas” diante do Servo, referem-se ao universalismo de Iahweh, tema típico do Dêutero-Isaías. Nações e reis permanecerão silenciosos diante do Servo. Esse silêncio aparece em expressão diferente, que equivale ao silêncio de choque (Jó 21,5), ou de respeito (Jó 29,9).¹³⁰

Por fim, fechando a primeira estrofe, os acontecimentos com o servo são algo que nunca foi dito, nem foi ouvido. A sua exaltação e seu sofrimento formam uma verdade única¹³¹.

¹²⁶ Martinho Lutero nasceu na Alemanha em 1483. Foi monge agostiniano, teólogo e que se tornou a figura principal da Reforma Protestante. Ao fixar as suas 95 teses, que tratavam sobretudo a doutrina católica sobre as indulgências. Foi chamado a retratar-se na Dieta de Worms, porém, confirmou suas teses. Lutero também se destacou por seus estudos bíblicos, principalmente pelo aprofundamento na Carta aos Romanos, onde definiu sua doutrina sobre a justificação. (MOELLER, Bernd; SMOLINSKY, Heribert. **A era da Reforma**. In: KAUFMANN, Thomas. et.al (Org). **História Ecumênica da Igreja**: Da alta Idade Média até o início da Idade Moderna. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Paulus, 2014. v. 2. p. 244 seg).

¹²⁷ LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Trad. Geraldo Korndörfer. Porto Alegre: ULBRA; São Leopoldo: Sinodal, 2017. V. 13 p. 279.

¹²⁸ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

¹²⁹ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

¹³⁰ MOTYER, 2016, p. 570.

¹³¹ MOTYER, 2016, p. 510.

Portanto, os versículos 13 e 15 destacam uma oposição própria do texto: o sofrimento que desfigurou o servo terá uma “reviravolta imediata, uma glória que emudece de admiração o que hoje se chama de opinião pública mundial”¹³².

2.5.2 Isaías 53,1-12: Humilhação e Exaltação do Servo.

V. 1 *Quem creu naquilo que ouvimos, e a quem se revelou o braço de Iahweh?*

É iniciado o corpo narrativo do texto. Os primeiros versículos apresentam uma variedade de verbos conjugados em “nós”. Por isso a dúvida surge neste início: quem é o grupo que fala? São reis e nações aos quais os versículos anteriores mencionaram?; Ou poderiam ser os judeus exilados?¹³³

Outra questão que aparece envolve o seu conteúdo. O versículo mostra que o grupo narrativo tomou conhecimento da ação do servo. Esse grupo são os judeus ou todos os povos? Por isso Wiéner procura responder da seguinte forma: “Disso depende do alcance universal do texto, e não se pode optar com segurança”¹³⁴.

Alonso Schoeckl e Sicre Diaz destacam o grupo anônimo que introduz o corpo narrativo, na qual o primeiro objetivo é enfatizar a novidade da mensagem.¹³⁵ Motyer discorre sobre as duas perguntas que são feitas: quem acreditou? A Quem se revelou? Para o autor, inicialmente, a resposta para a primeira pergunta é que ninguém teve crença antes da revelação.

Sendo assim, “O profeta fala por aqueles que depois vieram à fé, mas os identifica com um grupo inteiro de espectadores que olhavam para o Servo sem entender nada”¹³⁶. Portanto, o grupo narrador entende e apresenta que o fato a ser descrito é uma novidade, pois, nem eles mesmos, antes da revelação do Senhor, puderam acreditar.

No comentário ao símbolo dos apóstolos, Rufino destaca que a novidade da mensagem se dará por um único motivo: “era incrível dizer que o Filho de Deus, como Deus, sofreu aqueles tormentos.”¹³⁷

¹³² WIÉNER, Claude. **O profeta do novo êxodo: o Dêutero-Isaías**. Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 74.

¹³³ WIÉNER, 1980. p. 74.

¹³⁴ WIÉNER, 1980. p. 74.

¹³⁵ SICRE DIAZ, J.L.; ALONSO SCHOKEL, L, 1988, p. 340.

¹³⁶ MOTYER, 2016, p. 571.

São Jerônimo¹³⁸ enfatiza que o braço do Senhor ilumina o mundo para crer. É por causa desse braço que Jesus assume a forma humana, para salvar a humanidade¹³⁹. Santo Agostinho¹⁴⁰ comenta que “se o Filho de Deus é o braço do Pai, somente existe o braço do Pai porque é homem e seu braço não são duas pessoas, senão uma só”¹⁴¹.

Para Lutero, esse versículo torna-se profecia da rejeição dos judeus em relação a Cristo. O grupo narrativo, que para o pai da Reforma Protestante, são os judeus, fazem deste primeiro versículo um lamento que poucos acreditariam na vida de Jesus¹⁴².

V. 2 Ele cresceu diante dele como renovo, como raiz em terra árida; não tinha beleza nem esplendor que pudesse atrair o nosso olhar, nem formosura capaz de nos deleitar.

As palavras iniciais apresentam um sentido genérico da vitória de Iahweh, pois mesmo o servo crescendo com a mesma dificuldade de

¹³⁷ “[...] era increíble decir que el Hijo de Dios, como Dios, sufriera, esos tormentos”. (RUFINO DE AQUILEYA. Comentario al Símbolo de los Apóstoles, 19 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 240, tradução nossa).

¹³⁸ Nascido em 347 d.C, foi um sacerdote católico, destacado como teólogo, confessor e historiador. Considerado Doutor da Igreja, se destacou como o primeiro a traduzir a Bíblia para o Latim, denominada Vulgata. (DROBNER, 2008, p. 361 seg).

¹³⁹ JERÓNIMO, Serie segunda de tratados sobre los Salmos, 89 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 240.

¹⁴⁰ Santo Agostinho nasceu em Tagaste (África) em 354. Foi bispo de Hipona, cidade da província romana na África. É um teólogo e filósofo, profícuo escritor da era patrística e Doutor da Igreja. (DROBNER, 2008, p. 402 seg).

¹⁴¹ “[...] si Hijo es el brazo Del Padre, sólo existe el Padre, porque el hombre y su brazo no son dos personas, sino una sola.” (AGUTÍN DE HIPONA. Tratado sobre el Ev. de Juan, 53,3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 240, tradução nossa).

¹⁴² LUTERO, 2017, p. 281.

uma raiz em terra árida, o plano do Senhor triunfou¹⁴³. Ridderbos descreve que a ênfase inicial se dá pelo início humilde da vida do personagem. As expressões “broto” e “raiz”, juntamente com “terra seca”, dá a entender a ação de um humilde perante as dificuldades¹⁴⁴.

O texto se torna cada vez mais único por dois motivos: a origem humana do servo e um homem descrito como o braço do Senhor. Por isso, para Motyer, o versículo não apresenta distinção entre Deus e o homem¹⁴⁵

Devido à novidade em não distinguir o Senhor e o Servo, Santo Irineu¹⁴⁶ faz o seguinte comentário:

As Escrituras não dariam todos esses testemunhos sobre Cristo, se ele fosse apenas um homem como os outros. Mas como ele é o único que teve uma geração inusitada, que vem da Virgem, as divinas Escrituras testemunham sobre Ele por ambos os motivos: que é um homem sem beleza e passivo, que montou num jumentinho, que bebeu fel e vinagre, que foi desprezado pelo povo e que desceu à morte [...]¹⁴⁷

São Gregório Nazianzeno comentará que neste versículo, está a afirmação da natureza humana e divina de Jesus:

¹⁴³ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

¹⁴⁴ RIDDERBOS, 1986, p. 427.

¹⁴⁵ MOTYER, 2016, p. 571.

¹⁴⁶ Irineu de Lyon foi um bispo, teólogo e escritor. Nasceu na atual Turquia no ano de 130 d.C. Sua obra é clássica *Adversus haereses*, influencia a teologia cristã até hoje. Sua principal defesa é contra o gnosticismo, heresia combatida pela Igreja Primitiva, que elencava, sobretudo, a negação da humanidade de Cristo. Seus escritos foram considerados como autêntica autoridade doutrinária. (DROBNER, 2008, p. 128 seg).

¹⁴⁷ “Las Escrituras no darían todos estostestimonios acerca de Cristo, si fuese sólo un hombre semejante a los demás. Pero como es el único que tuvo una generación fuera de lo común, que le viene de la Virgen, las divinas Escrituras testimonian por ambas razones sobre Él: que es hombre sin belleza y pasible, que se sentó sobre el pollino de una asna, que bebió hiel y vinagre, que fue despreciado por el pueblo y que descendió hasta la muerte[...].” (IRINEO DE LYON. *Contra las herejías*, 3,19,2 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 241, tradução nossa).

Ele foi realmente gerado, mas já havia sido gerado; ele nasceu de uma mulher, mas de uma mulher virgem. O primeiro é humano; a segunda, divina. Aqui ele não teve pai; ali não teve mãe: tudo isso corresponde à divindade¹⁴⁸.

Na segunda descrição sobre o servo, o autor do cântico relata que não havia nem beleza, nem esplendor que pudesse atrair um olhar ao personagem. São João Crisóstomo remete a Jesus em toda a sua paixão, com o ápice na cruz como ato pleno de toda a Sua humildade que apresentou durante a vida.¹⁴⁹

V. 3 Era desprezado e abandonado pelos homens, homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como pessoa de quem todos escondem o rosto; desprezado, não fazíamos caso nenhum dele.

O servo está desfigurado, abandonado e o narrador, integrado ao grupo ‘nós’, assume a atitude de desprezo. Para Alonso Schoeckl e Sicre Diaz, os integrantes do grupo que narram os acontecimentos “interpretam o sofrimento como castigo de Deus, e têm de contagiar-se caso cheguem perto dele [...]”.¹⁵⁰

O tema do desprezo, da humilhação, pode ser encontrado no seguinte Salmo:

Eis que minha vida se consome em tristeza e meus anos em gemido; meu vigor sucumbe à

¹⁴⁸ “Él, ciertamente fue engendrado, pero ya había sido engendrado; nació de una mujer, pero de una mujer virgen. Lo primero es humano; lo segundo, divino. Aquí no tuvo padre; allí no tuvo madre: todo esto corresponde a la divinidad.” (GREGORIO NACIANCENO. Discurso Teológico, 29,19 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 242, (tradução nossa).

¹⁴⁹ JUAN CRISÓSTOMO. Homilías sobre el Ev. De Mateo, 27,3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 242.

¹⁵⁰ SICRE DIAZ, J.L; ALONSO SCHOKEL, L, 1988, p. 241.

miséria e meus ossos me consomem. Pelos adversários todos que tenho já me tornei escândalo; para meus vizinhos, asco, e terror para meus amigos¹⁵¹.

Outro Salmo que possui como tema o sentimento de humilhação e desprezo é o 38:

Amigos e companheiros se afastam da minha praga, e meus vizinhos se mantêm à distância; preparam armadilhas os que buscam tirar-me a vida, os que procuram minha ruína falam de crimes, todo dia meditando em traições¹⁵².

O Salmo 22 é clássico com a questão do sofrimento, visto que, o próprio Jesus, na cruz, repete as palavras contidas no mesmo: “Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste [...]?”¹⁵³

Com esse comparativo, o versículo 3 não traz uma temática nova, mas sim, retoma a questão do sofrimento presente no Antigo Testamento. Todavia, autores patrísticos deram bastante ênfase nesse tema como profecia cumprida plenamente em Jesus.

Santo Agostinho compara a confissão do grupo narrador do Antigo Testamento com uma nova confissão: “Certamente ele foi deformado quando pendurado na cruz, mas sua deformidade constituiu nossa beleza”¹⁵⁴

¹⁵¹ Sl 31, 11-12b.

¹⁵² Sl 38, 12-13.

¹⁵³ Sl 22, 2.

¹⁵⁴ “Ciertamente era deforme cuando pendía de la cruz, pero su deformidad constituía nuestra beleza” (AGUSTÍN DE HIPONA. Sermones, 27,13 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antigo Testamento – Isaías 40-66.** Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 243,(tradução nossa).

Santo Atanásio¹⁵⁵ também utilizará da dinâmica do “nós” e “Ele”, diante da Paixão de Cristo: “Ele sofreu não por seu próprio benefício, mas para a imortalidade e salvação de todos”¹⁵⁶

Lutero trata o versículo como preparação para o alcance do sofrimento de Cristo:

Agora, se segue o que ele alcançaria com seu sofrimento, se sofreria por causa de si, ou por causa dos outros. E esta é a segunda parte de nossa percepção e justificação, para que saibamos que Cristo sofreu, foi amaldiçoado e morto, mas POR NÓS!¹⁵⁷

V.4 E no entanto, eram nossos sofrimentos que ele levava sobre si, nossas dores que ele carregava. Mas nós o tínhamos como vítima do castigo, ferido por Deus e humilhado.

O versículo 4 demanda uma atenção maior. Os exegetas que comentaram o texto a partir do método crítico redacional deixaram uma questão aberta, admitindo a novidade do sacrifício expiatório em uma pessoa que se sacrifica pelos demais. Os autores cristãos da patrística utilizaram este versículo para fundamentar uma profecia cumprida na pessoa de Jesus Cristo.

O texto segue sua narrativa simples: após introduzir a mensagem que será narrada (vs. 1), o grupo que fala assume a culpa por ter rejeitado e desprezado o servo (vv. 2-3). Agora, assumem que entenderam a revelação que foi dada por Iahweh, quando admitem que

¹⁵⁵ Atanásio foi arcebispo de Alexandria. Nascido em 296 d.C., é Doutor da Igreja e Santo. Seu episcopado durou 45 anos, com destaque na sua produção teológica sobre a Trindade. Seus escritos estavam em um contexto de luta contra a heresia do arianismo, que afirmava que Jesus não era consubstancial ou Pai, portanto, em uma teologia trinitária, Jesus seria subordinado, não havendo igualdade. (DROBNER, 2008, p. 259 seg).

¹⁵⁶ “La ha sufrido no en su propio beneficio, sino para la inmortalidad y salvación de todos [...]” (ATANASIO. La Encarnación Del Verbo, 34,1-2 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 243, (tradução nossa).

¹⁵⁷ LUTERO, 2017, p. 282.

as dores e os sofrimentos do servo eram decorridos dos pecados desse grupo.

Por isso, se até o v. 3 há a proclamação de uma mensagem, o vs 4 toma outra direção: “os que falam descobrem que esta aflição tem um sentido para eles. O Servo não é punido por Deus, carrega o sofrimento dos outros [...]”¹⁵⁸. O mistério começa a ser desvendado. As palavras “dor” e “sofrimento” do versículo 3 são utilizadas novamente¹⁵⁹.

É dada ênfase no contraste “nós” e “ele, pois ele carrega nossas dores e nossos sofrimentos”¹⁶⁰. O “nós” não deve ser entendido apenas como Israel, mas, mediante o cumprimento da missão do servo, estende-se a todos os povos¹⁶¹. Outro contraste evidente está no caráter voluntário de assumir o castigo pelos outros, fato único no Novo Testamento¹⁶².

Stuhlmüller também apresenta esse versículo comparado com a doutrina do Antigo Testamento sobre o sacrifício expiatório. O servo carrega o pecado dos outros. Ele é inocente, não substituto. Também não há o holocausto de um animal para que o ofertante obtivesse graça (cf Nm 5,5-10). Por isso, a grande diferença é esta:

O ato ritual externalizava a atitude interior do ofertante e, por meio dessa externalização, o ofertante começava a participar da vida plena da comunidade. O servo, portanto, não está libertando os outros de sua responsabilidade de arrependimento, mas os está enchendo com seu próprio espírito de tristeza e esperança¹⁶³.

Diante do fato único, os escritos patrísticos deixaram comentários sólidos que fundamentam a doutrina do mistério da morte e ressurreição

¹⁵⁸ WIERNER, 1980, p. 74.

¹⁵⁹ RIDDERBOS, 1986, p. 428.

¹⁶⁰ RIDDERBOS, 1986, p. 428.

¹⁶¹ RIDDERBOS, 1986, p. 428.

¹⁶² Os exegetas utilizam o texto de 2Sm 21, 1ss para fazer uma comparação e evidenciar que a remissão dos pecados no Quarto Cântico é um fato único do Antigo Testamento. No texto de Samuel, após o rei Davi consultar os gabaonitas, devido uma fome que durava três anos em Israel, esses pediram ao rei para que entregassem sete filhos de Saul como reparação. A morte dos sete filhos é interpretada como um sacrifício expiatório. Todavia, difere do sacrifício do Servo Sofredor, pois este se entrega de forma voluntária para expiação dos pecados.

¹⁶³ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

de Jesus. Se o grupo narrador não compreendia, inicialmente, o mistério dos sofrimentos do Servo, Eusébio de Cesareia¹⁶⁴ comenta que também em Jesus muitos não entenderam sua missão: “Nós não levamos em conta...ou consideramos quem ele era No entanto, ele foi o Salvador de nossas almas, aquele que cura e purifica de todo pecado.”¹⁶⁵

São Jerônimo falará da humilhação de Jesus para elevar a humanidade. A figura do Servo não tem nenhuma glória em seu aspecto físico à vista dos olhos humanos, pois toda a sua vida foi assumida nas virtudes da humildade e pobreza. Todavia, é nessa figura que a humanidade será redimida, pelo seu sangue os homens serão favorecidos¹⁶⁶.

Tertuliano¹⁶⁷ cita que o Servo é verdadeiramente o Cristo de Isaías, pois somente Ele poderia carregar os pecados da humanidade para salvá-la¹⁶⁸. Já para Gregório Nazianzeno a mesma expressão “o Verbo se fez carne” torna sinônimo de “o Verbo se fez maldição” na figura do Servo, pois, para o Padre Capadócio entende essa contradição a partir do sofrimento do Servo¹⁶⁹.

¹⁶⁴ Nascido em 339 d.C, Eusébio foi bispo de Cesareia , também considerado o pai da história da Igreja.Sua obra *História Eclesiástica*. É um rico material sobre os primeiros anos do cristianismo primitivo. (DROBNER, 2008, p. 235 ss).

¹⁶⁵ “No le tuvimos en cuenta... ni consideramos quién era. Sin embargo, era el Salvador de nuestras almas, el msmo que sna y limpia de todo pecado.” (EUSEBIO DE CESAREA. Comentarios de a Isaías, 2,42 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 244, (tradução nossa).

¹⁶⁶ JERÓNIMO. Comentario a Isaías, 14, 52,13-15 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 245.

¹⁶⁷ Tertuliano foi um dos primeiros autores do cristianismo primitivo. Nasceu em Cartago no ano de 160 d.C. Organizou a teologia antiga, sendo o primeiro autor a citar o termo Trindade. (DROBNER, 2008, p. 164 seg).

¹⁶⁸ TERTULIANO. Contra Marción, 4,8,4 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 246, tradução (nossa).

¹⁶⁹ GREGORIO NACIANCENO. Cartas teológicas, 101,61 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia**

Santo Agostinho trará a obediência do Filho em relação ao Pai:

Quando se aproximou da paixão se aproximou o Senhor disse: <<Mas não faça o que eu quero, mas o que você, ó Pai, quer.>> Não é que a vontade do Filho fosse uma e a do Pai outra; mas essa foi a voz de nossa fraqueza – mesmo quando permanecemos fiéis – que nosso Chefe tomou sobre si, quando ele suportou o peso de nossos pecados¹⁷⁰.

Lutero destacará que neste versículo está o propósito do sofrimento de Cristo: “Não foi para si e seus pecados, mas para nossos pecados e dores. Ele carregou o que nós próprios deveríamos ter sofrido.”¹⁷¹.

O monge agostiniano comenta que pela luz da razão natural cada um deveria carregar as conseqüências de sua culpa. Por isso, Isaías escrevendo de forma tão cuidadosa, para além da justiça e capacidade racional os sofrimentos do Cristo (prefigurado no Servo), convida os homens a entrarem no mistério de sua morte. Então, resume-se toda a pregação do Evangelho: “Cristo sofreu por nós contra a lei, o direito e o costume. Ele expõe mais claramente o que significa o sofrer por nós.”¹⁷².

V.5 Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz, caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados.

O contraste entre o “nós” e “ele” do versículo anterior continua. “Ele foi trespassado” por causa de nossas transgressões e “esmagado

Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 247.

¹⁷⁰ “Al acercarse la pasión el Señor dijo: << Pero no se haga lo que yo quiero, sino lo que tú, oh Padre! quieres>>.No es que la voluntad del Hijo fuese una y la del Padre otra; sino que aquélla era la voz de nuestra debilidad - incluso cuando permanecemos fieles-, que nuestra Cabeza tomó sobre sí, cuando cargó con el peso de nuestros pecados” (AGUSTIN DE HIPONA. Tratado sobre el Ev. de Juan, 111,1 apud ELLIOTT, Thomas., RODRIGUÉZ, 2014, p.245, (tradução nossa).

¹⁷¹ LUTERO, 2017, p. 282.

¹⁷² LUTERO, 2017, p.283.

por causa de nossas iniquidades” dão continuidade na ênfase do versículo anterior, O uso dessas duas palavras levanta uma dúvida: referem-se ao sofrimento do servo durante sua vida ou no momento da morte violenta?

A questão é respondida por Ridderbos: a palavra “esmagado” pode ter dois sentidos, como o sofrimento durante a vida até a culminação da morte; já a palavra trespassado refere-se diretamente à morte violenta. O autor utiliza o texto em geral para definir o contexto em que as palavras são utilizadas: a intenção é retratar o que precedeu à morte¹⁷³.

O servo carregou o castigo que haveria de cair sobre os culpados. O termo castigo tem um sentido estrito no Antigo Testamento: “relembra o poder disciplinar, ou educacional, do sofrimento. Deus ensina arrependimento mediante a calamidade evocada pelo pecado.”¹⁷⁴.

Porém, na estrutura da frase, a palavra ganha um sentido amplo. A palavra paz (*shalom* no hebraico) tem o sentido íntegro, completo. Sendo assim, o significado maior é assegurar a punição necessária para restaurar a paz com Deus¹⁷⁵.

O final do versículo “por suas feridas fomos curados” também possui um sentido amplo: “Isaías usa o termo ‘curados’ em um sentido total: a cura da pessoa restaurando a plenitude e a completude, uma marca da época messiânica.”¹⁷⁶.

Para São Gregório Magno¹⁷⁷ :

Em vez disso, o Senhor foi extremamente duro consigo mesmo, porque embora não possuísse por natureza um corpo que pudesse sofrer, para nos libertar através de seus sofrimentos, ele se dignou a assumir aquilo com que poderia ser duro consigo mesmo e, portanto, sofrer¹⁷⁸

¹⁷³ RIDDERBOS, 1986, p. 429-430.

¹⁷⁴ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

¹⁷⁵ MOTYER, 2016, p. 576.

¹⁷⁶ MOTYER, 2016, p. 576.

¹⁷⁷ São Gregório Magno foi Papa entre 590 a 604 d.C. É doutor da Igreja e suas obras se destacam pela ortodoxia da fé cristã. (DROBNER, 2008, p. 516 seg).

¹⁷⁸ “En cambio el Señor fue extremadamente dur con Él mismo. porque aunqueno poseía pr naturaleza un cuerpo que pudiese sufrir, para librnos mediante sus sufrimientos, se dignó asumir aquello con lo que pudiesse ser duro consigo mismo y por tanto sufrir.” (GREGORIO MANO. Exposición al livro I de los Reyes, 4,80 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La**

Carregar nossos sofrimentos só pode ser explicado na pessoa de Jesus. Seu sofrimento evitou que os homens ficassem submetidos para sempre ao jugo da morte¹⁷⁹. Por carregar os nossos pecados, levantou o ser humano quando este estava completamente corrompido pelos pecados, vivendo em verdadeiras tumbas e sepulcros¹⁸⁰.

Para Lutero é confissão necessária para todo cristão proclamar que Cristo sofreu e morreu por nós. Com isso, o pecado do ser humano foi transferido para Cristo, a ponto de Lutero valorizar tanto essa ação de Cristo, que coloca o pecado como: “Se quiseres ver teus pecados em ti, tal pensamento no teu coração não procede de Deus, mas do próprio Satanás contra a Escritura, a qual pela vontade de Deus colocou nosso pecado em Cristo.”¹⁸¹.

V.6 Todos nós como ovelhas, andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas Iahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós.

O grupo narrador descreve mais uma confissão de pecado. A imagem clássica do profetismo, ovelha e pastor, é utilizada para expressar o caminho errante, distante de Deus, que o povo se encontrava.¹⁸² O versículo é um quadro preciso, retratando a miséria de Israel.¹⁸³

Ao descrever que a iniquidade do povo caiu sobre o servo, Motyer destaca que o final do versículo resume toda a doutrina do Quarto Cântico sobre a morte vicária do personagem.¹⁸⁴ O exegeta

Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 247, (tradução nossa).

¹⁷⁹ ATANASIO. Discursos contra los arrianos, 3,31 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 247.

¹⁸⁰ EUSEBIO DE CESAREA. Historia eclesiástica, 10,4,12 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 247.

¹⁸¹ LUTERO, 2017, p. 284-285.

¹⁸² SICRE DIAZ ; ALONSO SCHOKEL,1988, p. 342.

¹⁸³ RIDDERBOS, 1986, p. 431.

¹⁸⁴ MOTYER, 2016, p. 576.

francês também comenta que novamente há um contraste entre o “nós” – que desvou do caminho – e o “ele” – sobre o qual caiu o castigo da iniquidade do grupo confessor.

O versículo 6 fecha a seção B², de acordo com o esquema apresentado de Motyer, sobre a estrutura do Quarto Cântico. Os versículos 4-5-6 formam o cerne da doutrina do Cântico. Ele explica a revelação de Iahweh (vs1) e aponta para as explicações finais dos versículos 10-12. Nos versículos seguintes (7-9), a história do Servo continuará iniciada em B¹ (vv. 1-3).

V. 7 Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores ele não abriu a boca.

O versículo 7 não continua o discurso precedente. No esquema estrutural de Motyer, v. 7 a 9 representa a seção B³, descrevendo o sofrimento voluntário e imerecido do Servo.¹⁸⁵ Também o contraste “nós” e “ele” termina nesta parte. Wiéner corrobora também sobre esta lógica no texto, em que “não há mais nenhum ‘nós’ e a reflexão parece ter como centro o destino do próprio Servo. E sem dúvida é o narrador que fala e comunica suas reflexões”¹⁸⁶.

Para Ridderbos, o sofrimento do Servo chega ao ápice, afirmando que sofreu tudo com paciência.¹⁸⁷ A primeira expressão ‘não abriu a boca’ refere-se ao maltrato ao qual foi submetido. Por isso, o silêncio torna-se incomum em relação a pessoas que são maltratadas. A mesma palavra é utilizada em Êxodo 3,7, ao tratar da opressão dos israelitas no Egito, em que Iahweh ouviu o grito por causa dos opressores.¹⁸⁸

Dois animais são utilizados para expressar e comparar o comportamento do Servo. Ridderbos comenta essa passagem em duas vertentes: a primeira, refere-se a utilização precisa do comparativo, pois, primeiramente aparece o cordeiro que é conduzido ao matadouro, depois, a ovelha que é tosqueada. Essa mudança se dá devido ao cordeiro, que não é tosqueado; a segunda vertente aponta para uma interpretação cristã.¹⁸⁹

¹⁸⁵ MOTYER, 2016, p. 566.

¹⁸⁶ WÍENER, 1980, p. 75.

¹⁸⁷ RIDDERBOS, 1986, p. 432.

¹⁸⁸ STUHLMUELLER, 2008, p. 686.

¹⁸⁹ RIDDERBOS, 1986, p. 433.

O exegeta compara a utilização do cordeiro no Dêutero-Isaías, com o cordeiro pascal do Êxodo 12, 3 “[...] cada um tomará para si um cordeiro por família [...]”. Essas duas imagens do cordeiro serão fundamentos para designar Cristo como Cordeiro de Deus no Novo Testamento: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. (Jo 1,29); “[...] fostes resgatados da vida fútil por sangue precioso, como de cordeiro sem defeitos e sem mácula, que é de Cristo.” (cf 1Pd 1,19).

Os Padres da Igreja como Ambrósio e Gregório Nazianzeno também utilizaram dessa designação do cordeiro no Antigo Testamento, para Jesus, no Novo Testamento. Ambrósio utilizará o mesmo texto da Carta de Pedro para fundamentar seu comentário:

Este é o preço da nossa liberdade, como afirma Pedro: <<Você foi redimido com sangue precioso>>. Não se trata do sangue de um cordeiro, mas daquele que com sua mansidão e humildade se tornou como um cordeiro e libertou o mundo inteiro com o único sacrifício de seu corpo [...]¹⁹⁰

Gregório Nazianzeno compara o silêncio do cordeiro, com o silêncio de Cristo que salva:

Como um cordeiro, é sem voz, mas é a Palavra anunciada pela voz daquele que clama no deserto. Ele estava doente e foi espancado, mas ele cura todas as doenças e enfermidades, Ele é levantado no madeiro e ali pregado, mas ele nos recria através da <<árvore da vida>>, ele salva o ladrão crucificado com Ele e espalha as trevas através de tudo visível.¹⁹¹

¹⁹⁰ “Éste es el precio de nuestra libertad, como afirma Pedro: <<Habéis sido redimidos con una sangre preciosa>>. No se trata de la sangre de un cordero, sino de la quien con su mansedumbre y humildad vino a ser como un cordero y liberó a todo el mundo con el único sacrificio de su cuerpo [...]” (AMBRÓSIO. Cartas 9,65,6 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 249, tradução nossa).

¹⁹¹ “Como un cordero, está sin voz, pero es la Palabra anunciada por la voz del que grita en el desierto. Estuvo enfermo y fue golpeado, pero cura toda

O sofrimento de Cristo em silencio torna-se modelo para todos cristãos. Lutero comentará que, com a mesma paciência que Cristo suportou os sofrimentos, os cristãos também devem seguir o sofrimento de Cristo:

Pois esta é a maneira de os cristãos sofrerem: eles agüentam com muita paciência, sem ameaças e maldições, inclusive orando por seus malfeitores e os abençoando. Por isso descreve muito bem a paciência de Cristo comparando-o a uma ovelha. Este é o ponto culminante dessa crucificação que Cristo sofrerá, o qual é descrito como transbordando em sofrimento como o de ovelhas, com todo o seu coração repleto de amor.¹⁹²

V. 8 *Após detenção e julgamento, foi preso. Dentre os contemporâneos, quem se preocupou com o fato de ter sido cortado da terra dos vivos, de ter sido ferido pelas transgressões do seu povo?*

No versículo 8, o grupo narrador continua descrevendo o resultado do sofrimento do Servo. Todavia, há uma mudança na temática: “Até aqui falaram a respeito das dores corporais e de desprezos; agora se fala de juízo e de sentença judicial injusta. Aparece fortemente ressaltando o tema da injustiça.”¹⁹³

A palavra justiça, para Motyer, pode ter dois significados: ser um fato, ao dizer “foi preso após detenção e julgamento” ou referir-se à vítima em que esta não possuía direito.¹⁹⁴

O ponto culminante deste versículo é encontrado na confissão do grupo narrador, pois o Servo foi ferido pela transgressão do seu povo. A

enfermedad y toda dolencia, Es levantado sobre el madero y es clavado allí, pero nos recrea por medio del <<árbol de la vida>>, salva al ladrón crucificado con Él y difunde las tinieblas por todo lo visible.” (GREGORIO NACIANCENO. Discurso teológico, 29,20 apud ELLIOTT, Thomas., RODRIGUÉZ, 2014, p.250, (tradução nossa).

¹⁹² LUTERO, 2017, p. 288.

¹⁹³ SICRE DIAZ ; ALONSO SCHOKEL,1988, p. 342.

¹⁹⁴ MOTYER, 2016, p. 580.

profecia está se cumprindo, então, Ridderbos levantará a questão sobre “[...] o processo jurídico conduzido pelos homens tinha antecedentes mais profundos no julgamento de Deus, em que ele procurava aparecer como Redentor dos pecados.”¹⁹⁵

Lutero explanará, que a ação de Deus, acima do julgamento humano é visto da seguinte forma:

Aqui ele diz que sua angústia e “juízo” chegaram ao fim. Isso não pode ser dito de uma pessoa morta que permanece no sepulcro, mas de uma pessoa libertada e ressuscitada. O certo é que o texto diz que ele esteve oprimido e em juízo, mas que foi arrebatado daí, portando, ressuscitado.¹⁹⁶

V.9 Deram-lhe sepultura com os ímpios, seu túmulo está com os ricos, embora não tivesse praticado violência nem houvesse engano em sua boca.

Após sua morte, a sepultura é o fim da dor e do desprezo que o Servo sofreu. O grupo narrador proclama a inocência do personagem. Schoekel enfatiza o paralelismo das negações “não tinha beleza nem esplendor” (vs 4), “nem houvesse engano em sua boca” (vs 9)¹⁹⁷.

O grupo narrador utiliza essa contradição para confirmar a inocência e perfeição do Servo. Pode ser considerada uma confissão formal, pois a narração concorda “[...] que ele tem majestade moral essencial para um verdadeiro substituto dos pecadores”¹⁹⁸.

O versículo é concluído apresentando a razão por que Deus providenciou um sepultamento de honra para o Servo, diferente do destino de um pecador. O destaque das palavras “ímpios” e “ricos” se dá como contrastes entre os pecadores e a inocência do Servo, pois, nele “não havia violência e nem pecado em sua boca”¹⁹⁹.

São João Crisóstomo utilizará esse versículo para comentar essa inocência de Cristo perante a contradição apresentado pelo narrador:

¹⁹⁵RIDDERBOS, 1986, p. 433.

¹⁹⁶LUTERO, 2016, p 288.

¹⁹⁷SICRE DIAZ ; ALONSO SCHOKEL,1988, p. 343.

¹⁹⁸MOTYER, 2016, p. 584.

¹⁹⁹ RIDDERBOS, 1986, p. 436.

Cristo agiu como o inocente que escolhe morrer em vez do condenado à morte salvando-o do castigo. A maldição da transgressão não caiu sobre Cristo, então ele escolheu a última em vez da primeira para destruir a maldição de todos.²⁰⁰

V. 10 *Mas Iahweh quis esmagá-lo pelo sofrimento. Porém, se ele oferece a sua vida como sacrifício expiatório, certamente verá uma descendência, prolongará seus dias, e por meio dele o desígnio de Deus triunfará.*

O texto entra no seu bloco final. A elevação e exaltação do Servo em 52, 13-15, ressurgem nas seguintes palavras: “prolongará seus dias” e “triunfará”. A retomada da temática inicial acontece de forma que “[...] transformam esses últimos versículos um verdadeiro *inclusio* (criar uma estrutura ao pôr material similar no início e no final de uma seção.)”²⁰¹

O versículo proclama a vitória do Servo, mesmo diante do querer de Iahweh, em esmagá-lo pelo sofrimento. Essa vitória se dá por meio do sacrifício expiatório:

[...] o Dêutero- Isaías avança para além do antigo sacrifício litúrgico pelos pecados inadvertidos (Lv 4-5), a uma consciência elevada de sacrifício pelos pecados voluntários. Embora o Dêutero-Isaías esteja transferindo linguagem ritual para uma esfera não ritual da vida, mesmo assim, passagens tais como esta acentuaram a forte consciência de pecado de Israel durante o exílio e, assim, influenciaram o culto.²⁰²

Por meio do Servo e de seu sacrifício expiatório, a obra e os desígnios de Deus darão continuidade. Caberia apenas ao Servo do

²⁰⁰ “Cristo actuó como el inocente que escoge morir en luga del condenado a muerte salvándolo del castigo. No caía sobre Cristo lá maldición de la transgresión, por lo que escogió ésta en lugar de aquélla a fin de destruir la de todos.” (JUAN CRISÓSTOMO. Comentário a la Carta a los Gálatas 3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 253, (tradução nossa).

²⁰¹ MOTYER, 2016, p. 584.

²⁰² STUHLMUELLER, 2008, p. 487.

Senhor essa mediação, ao qual será acreditada por aqueles que o braço de Yahweh revelou²⁰³.

Lutero compara o fruto da morte do Servo no Quarto Cântico, com o fruto da paixão e ressurreição de Cristo: “Agora ele descreve o fruto de seu sofrimento a saber, este é seu fruto, que terá o reino futuro de acordo com a afirmação ‘Está sentado à direita do Pai, de onde virá’”²⁰⁴.

Portanto, o teólogo reformador conclui seu comentário, afirmando que em Isaías, o Servo verá uma descendência, seus dias serão prolongados. Já em Cristo, muito mais que uma descendência prolongada, será a libertação da morte conduzindo à vida eterna²⁰⁵.

V. 11 Após o trabalho fatigante da sua alma verá a luz e se fartará. Pelo seu conhecimento, o justo, meu Servo, justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões.

Nos dois últimos versículos, a partir do quadro estrutural do texto, Deus retoma a palavra. Não há mais a contradição entre o “nós” e “ele. Embora o pronome “ele” apareça novamente, Deus agora que indica, da mesma forma ao narrar “meu servo”. Assim também, utilizará a palavra “multidão” para expressar o sentido do “pecado deles”.

Por isso, tomando novamente a narração:

Deus confirma a mensagem com o seu oráculo. Anula o juízo humano, declarando inocente o seu servo. Mais ainda, a sua paixão inocente servirá para levar os outros a justiça.²⁰⁶

A multidão justificada remete novamente ao versículo 10 quando tratou do sacrifício expiatório do Servo. Com isso, Motyer afirmará que esse versículo 11 é uma das constatações mais completas da teologia da expiação. O Servo conhece por completo a sua entrega, sabe o que deve ser feito. Para Deus é um sacrifício totalmente aceito, por isso, a tarefa do Servo é realizada completamente.²⁰⁷

²⁰³RIDDERBOS, 1986, p. 437.

²⁰⁴LUTERO, 2017, p. 290.

²⁰⁵LUTERO, 2017, p. 290.

²⁰⁶SICRE DIAZ ; ALONSO SCHOKEL,1988, p. 344.

²⁰⁷MOTYER, 2016, p. 592.

Cirilo de Alexandria clarifica esse versículo com o ato de resgate do próprio Jesus: “Ele nos comprou com seu próprio sangue, suportou a cruz e desprezou o insulto, para alcançar nossa salvação [...]”²⁰⁸

V. 12 *Eis por que lhe darei um quinhão entre as multidões; com os fortes repartirá os despojos, visto que entregou a si mesmo à morte e foi contado entre os criminosos, mas na verdade levou sobre si o pecado de muitos e pelos criminosos fez intercessão.*

O versículo final do texto inicia também uma exaltação ao Servo, como em 52,13. Duas palavras são destacadas por Motyer: a multidão, a mesma que ficou horrorizada com sua aparência (vs 13), agora torna-se participante do sacrifício do Servo; os reis, que silenciaram diante de algo que nunca foi visto e ouvido (vs 15), agora também serão beneficiados pelo seu sacrifício²⁰⁹.

Fechando o texto, novamente é descrito que na verdade o servo estava levando o pecado dos outros. Não há uma síntese, mas sim, um retorno ao tema da expiação²¹⁰. A intercessão que o Servo faz pelos pecadores, demonstra que “O servo é um intermediário, interpondo-se entre as duas partes como uma ponte, não como uma barreira.”²¹¹

O Quarto Cântico, como profecia, só poderia ser cumprida por Cristo, conforme Lutero, pois, para o reformador, ninguém mais poderia entregar a sua vida em favor de muitos, somente Cristo mesmo, para interceder, entregar sua vida em favor da justificação dos pecadores. Com isso, Lutero termina seu comentário do texto da seguinte forma:

Oh, seríamos pessoas bem aventuradas se pudéssemos crer nesse muito nobre texto, que deve ser engrandecido. Eu gostaria que ele fosse celebrado na igreja, de modo que nos acostumássemos a um vigilante exame [desse texto], para imaginarmos Cristo tão somente como aquele que carrega e leva nas costas nossos

²⁰⁸ “Nos compró con su propia sangre, soportó la cruz y despreció la afrenta, para lograr nuestra salvación [...]” (CIRILO DE ALEJANDRÍA. Comentario a Isaías, 5,1,53,11 apud apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica: Antiguo Testamento – Isaías 40-66.** Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 256, (tradução nossa).

²⁰⁹ MOTYER, 2016, p. 593.

²¹⁰ RIDDERBOS, 1986, p. 440.

²¹¹ MOTYER, 2016, p. 593.

pecados. Essa figura é um consolo para os aflitos [...]²¹²

Terminando o presente capítulo, a exegese do Quarto Cântico do Servo Sofredor apontou para temáticas próprias do Antigo do Testamento e também do cumprimento da profecia através de Jesus Cristo. Tendo em vista o trabalho realizado, a partir da metodologia histórica-crítica da leitura da Bíblia, cumpriu-se aqui o caminho necessário para entender os fundamentos que o Novo Testamento, no Evangelho segundo Marcos, utilizou para fundamentar a Paixão de Cristo a partir do Cântico do Servo Sofredor.

²¹²LUTERO, 2016, p .293.

3 O RELATO DA PAIXÃO DE CRISTO EM MARCOS A PARTIR DO QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR

O último capítulo deste trabalho tem como objetivo relacionar o 4º Cântico do Servo Sofredor com o relato da Paixão de Cristo, em Marcos. Mesmo não sendo um dos primeiros escritos cristãos, pois estes aparecem com Paulo, o Evangelho de Marcos é o escrito mais antigo entre os quatro evangelistas.

Os escritos marcanos apresentam um retrato de uma catequese que instruíam os primeiros cristãos no conhecimento de Jesus. O evangelho de Marcos contém aspectos importantes para compreensão do anúncio e da instrução da comunidade primitiva. Por isso, no presente capítulo, inicialmente, serão apresentadas as principais características da formação de um novo gênero literário: Evangelho.

Dando continuidade à pesquisa, será trabalhada a formação do Evangelho de Marcos, sua relação e caracterização como evangelho sinótico. Tendo levantado estes conhecimentos, será analisado como o Quarto Cântico do Servo Sofredor influenciou a teologia de Marcos, para os primeiros cristãos compreenderem o mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

3.1 UM NOVO GÊNERO LITERÁRIO: EVANGELHO

A vida de Jesus Cristo tornou-se um acontecimento público. Desde a sua pregação, sua atuação entre os judeus, até mesmo sua morte de cruz, tornaram o evento da vida de Jesus conhecido da Galileia à Jerusalém. Com sua ressurreição e a missão dada aos apóstolos, surge a tradição oral e que, ao passar do tempo, também se tornou tradição escrita:

O termo Evangelho já aparece no Novo Testamento, em Paulo, como Rm 1,1-16; 1Cor 15,1. A palavra original em grego significa boa notícia, anúncio. Para os cristãos, representava a boa nova da salvação da pessoa de Jesus Cristo.²¹³

Foi na metade do século II d.C que a palavra evangelho passou a significar um livro. Muito mais que um livro, Barbaglio e Fabris definem que:

²¹³ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos I**. Trad. Jalmedir Vítório, Giovanni di Biasio. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2014. p. 14.

[...] o termo ‘evangelho’, antes de designar um gênero escrito, serviu para definir a atividade e o conteúdo de um anúncio e pregação pública itinerante, primeiro da parte de Jesus, depois da parte da comunidade [...]²¹⁴

Portanto, Evangelho significa a boa notícia, ao passo que os evangelhos referem-se aos quatro primeiros livros do Novo Testamento: Mateus, Marcos, Lucas e João. Como o autor Marcos é o foco deste capítulo, o problema sinótico será tratado no item posterior.

3.2 A FORMAÇÃO E O CONTEÚDO DOS EVANGELHOS

Ao procurar compreender como se formaram os evangelhos, percebe-se que não há dados suficientes em fontes históricas extra-bíblicas para sustentar os conteúdos da vida e pregação de Jesus. Por isso, os dados que são oferecidos para o referente estudo são os próprios evangelhos.²¹⁵

Mesmo assim, os evangelhos não podem ser vistos como uma bibliografia catalogada, menos ainda, uma biografia de Jesus ou simplesmente a história de uma religião. Embora haja marcas biográficas de Jesus e até mesmo temáticas históricas, este novo gênero literário segue uma gênese histórico-literária.²¹⁶

O início da formação dos Evangelhos acontece na passagem da tradição oral para tradição escrita. As comunidades cristãs começam a colocar por escrito materiais já existentes, juntamente com o ensinamento da Tradição. Começa-se, então, uma síntese dos episódios mais importantes da vida de Jesus, relatando fatos ocorridos a partir do ano 30.d.C.²¹⁷

Nisto, o Evangelho de Marcos ganha destaque por ser o primeiro escrito, influenciando a redação de Mateus e Lucas. Esses três formam os chamados evangelhos sinóticos, que serão trabalhados em seguida.

Tendo os três evangelhos classificados em um mesmo grupo, há distinções significativas entre eles. Além das diferentes características lingüísticas, estilísticas e literárias, o destaque se dá na capacidade de cada evangelista reunir a tradição oral com o material já escrito. Com

²¹⁴BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 14.

²¹⁵BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p.15.

²¹⁶BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 15.

²¹⁷BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 21.

isso, os evangelhos não são apenas uma obra literária, mas também uma resposta aos primeiros cristãos à luz da revelação divina.²¹⁸

Esses textos chegaram até hoje por um longo processo de formação. Foram escritos em língua grega nas três últimas décadas do século I d.C. e foram difundidos rapidamente nos ambientes cristãos. Mesmo os escritos originais se perdendo, uma multiplicidade de testemunhas garante um alto grau de certeza dos textos que buscam assemelhar-se com as composições originais.²¹⁹

Os primeiros textos se encontravam em papiros do final do século II e início do III. Nos séculos IV e V esses escritos já se encontravam em códices, que são manuscritos contínuos dos evangelhos e outros textos bíblicos.²²⁰

Nesse período até o século VI, surgem as primeiras traduções. As primeiras foram dirigidas para as Igrejas Orientais, seguida da tradução para o latim. Portanto, já se encontram formado os textos, formando os primeiros cânones bíblicos, com conteúdos claros destinados para o ensinamento das comunidades cristãs.²²¹

3.2.1 Os conteúdos que formam o gênero literário do Evangelho.

No ambiente cristão primitivo, diversos conteúdos influenciaram na formação do gênero literário evangelho. Para Barbaglio e Fabris alguns são essenciais que se referem à situação das primeiras comunidades, pregação liturgia e catequese.

O ponto de partida para os autores é a experiência dos apóstolos com Jesus ressuscitado. O núcleo está nesta verdade: Jesus de Nazaré é o Cristo, ressuscitado por Deus. Por isso, todos os demais conteúdos apresentados em etapas sucessivas estão ao redor desta verdade.²²²

A primeira influência sobre os escritos refere-se à formação das primeiras comunidades cristãs. Estas estavam divididas em dois grupos: crentes e os de fora. Era necessário os apóstolos e seus discípulos convencer e fundamentar o testemunho da fé.²²³

Com isso, a pregação se torna o meio mais comum. Os conteúdos dessa pregação são as obras de Jesus e seus milagres. A inauguração do

²¹⁸ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 27.

²¹⁹ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 23.

²²⁰ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 23.

²²¹ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 23.

²²² BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 18.

²²³ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 18.

Reino de Deus é o tema central, em que cada homem é chamado para entrar nesse caminho salvífico.²²⁴

Os crentes convertidos por essa pregação, já afastados do judaísmo começam a formar suas assembleias celebrativas. Neste ambiente litúrgico são celebrados episódios mais marcantes da vida de Jesus: batismo, aparições públicas, transfiguração, última ceia, paixão e morte, ressurreição e, aparições até sua ascensão.

O ambiente catequético era o principal meio para fortalecer e fundamentar a fé. Tendo sido os principais conteúdos ensinados, surgem os ensinamentos para a vida prática cristã: como rezar; como perdoar?; o que fazer diante das exigências da tradição judaica? Então, são evocadas as sentenças de Jesus sobre tudo isso, formando as coleções e explicações das parábolas.²²⁵

São esses os conteúdos que formam e classificam os três primeiros evangelhos como sinóticos.

3.2 A QUESTÃO SINÓTICA

Os evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas são classificados como sinóticos devido a uma visão conjunta oferecida pelos três textos. O termo vem do grego *synopsis*, que significa visão simultânea.²²⁶

Essa teoria é fundamentada por Johan Konings da seguinte forma: a partir do ano 30 d.C até aproximadamente o ano 60 d.C., formou-se a pregação oral e depois escritos em breves sentenças de Jesus e suas principais atividades. Essa fonte é chamada de Q, *Quelle*, em alemão que se traduz por “fonte”.²²⁷

Seguindo sua fundamentação, Konings descreve que por volta dos anos 65-70 d.C, Marcos foi o primeiro a redigir por escrito a tradição narrativa sobre Jesus. Com isso, a partir dos anos 80, depois da destruição do Templo, Mateus e Lucas teriam escrito, de forma independente, usando essas duas fontes literárias: o evangelho de Marcos e “Q”.²²⁸

Essa utilização de fontes comuns é chamada de “Hipótese das duas fontes”. A primeira fonte, “Q”, reúne, de forma particular, sentenças de Jesus utilizadas por Mateus e Lucas. A segunda fonte é o

²²⁴ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 18.

²²⁵ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 19.

²²⁶ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 21.

²²⁷ KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola: 2016. p. 10.

²²⁸ KONINGS, 2016, p. 10.

próprio evangelho de Marcos, devido a estruturação e narração semelhante por parte de Mateus e Lucas, embora independentes entre si.²²⁹

Para verificar essa semelhança, Konings apresenta um quadro esquemático comum, presente nos três evangelistas:²³⁰

Mt	Mc	Lc	(*temas do querigma At 10, 37,43)	Jo
1,1-2,2 2		1,5-2,50	Ev. da Infância	
3,1-4,1 1	1,1-13	3,1-4,13	*"a partir da Galiléia, após o batismo por João!	1,19-2,12
4,1-20, 34	1,14-10,52 (início na Galiléia e subida a Jerusaém)	4,14-19,27	*"Deus o ungiu com Espírito Santo e poder... andou fazendo o bem e curando todos os possesos do demônio, pois Deus estava com ele... tudo o que fez na região dos judeus"	2,13-6,71 (presenças alternadas em Jerusalém/Judéia e na Galiléia)
21,1-25, 50	11,1-13,37	19,28-21,38	*" e em Jerusalém"	7,1-12,50
26,1-27, 56	14,1-15,47	22,1-23,56	*"pregaram-no na cruz"	13,1-19,42 (ampliando com discurso do adeus)
28,1-	16,1-8	24,1-53	*"Deus o ressuscitou no terceiro dia e deu-lhe	20,1-31

²²⁹BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 23.

²³⁰KONINGS, 2016, p.9.

20		manifestar-se..”	
----	--	------------------	--

A análise do quadro feita pelo autor sintetiza que, se percebe no evangelista Mateus, que ele contém praticamente a mesma ordem de Marcos, porém, Mateus é um escrito mais longo que Marcos. Por isso, conclui-se que Mateus acrescentou narrativas não encontradas em Marcos.²³¹

Assim também, Lucas contém narrativas substanciais e com a mesma terminologia de Marcos. Lucas também possui as mesmas narrativas acrescentadas por Mateus. A diferença destes dois evangelistas está na estruturação da narrativa.²³²

Outro destaque desta análise é a questão do evangelho da Infância de Jesus, presente nos dois primeiros capítulos de Mateus e Lucas, mas não em Marcos. Todavia, os relatos são diferentes: enquanto Mateus narra o ponto de vista de José, Lucas narra a partir de Maria. Destaca-se que ambos concordam que Jesus nasceu em Belém, descendente de Davi e por obra de Deus.²³³

O interesse de Marcos está voltado para a atividade pública de Jesus. Porém, a narrativa da infância não pode ser considerada uma história biográfica de Jesus. É uma narrativa teológica, que contém o gênero literário *midrax* (midrash). Este consiste em investigar o sentido atual de um texto bíblico.²³⁴

Por isso, são feitas alusões ao Antigo Testamento. O episódio da fuga do Egito, narrado só por Mateus, relembra ao amor de Deus libertando o povo, da escravidão. Cumpre-se também a profecia de Oséias 11,1: “Do Egito, chamei meu filho”.²³⁵

Tendo uma visão geral da formação do Novo Testamento, o próximo passo deste trabalho terá como temática específica o Evangelho de Marcos. Primeiramente, entender sua autoria, datação e conteúdo. Posteriormente, será pesquisado como o texto do Servo Sofredor de Isaías influenciou a narrativa marcana.

3.3 O EVANGELHO DE MARCOS

²³¹KONINGS, 2016, p. 9.

²³²KONINGS, 2016, p.10.

²³³KONINGS, 2016, p.11.

²³⁴KONINGS, 2016, p.11.

²³⁵KONINGS, 2016, p.10.

Embora na sequência do cânon cristão, o Evangelho de Marcos procede Mateus, os autores afirmam categoricamente que foi o primeiro escrito do gênero literário chamado Evangelho.

A primeira frase de Marcos serve como abertura, introdução, da novidade que será descrita: “Evangelho de Jesus Cristo”. Com isso, inicia-se uma trama narrativa que de forma imediata parece simples, uma história contada a partir de relatos. Todavia, o evangelista possui características próprias do conteúdo e uma teologia própria que influenciará Mateus e Lucas.

Para melhor compreensão do Evangelho de Marcos, serão apresentados os seguintes pontos para verificar a autenticidade deste autor: autoria do evangelho; local e datação; destinatários; temas teológicos e estrutura.

3.3.1 Autoria

A autoria do evangelho de Marcos remete a um discípulo de Pedro, conforme descrito em Atos 12,12. Esse discípulo, chamado João Marcos, aparece como companheiro de missão de Paulo e Barnabé, como narra At 13,3 e 15,37-9.²³⁶

Essa identificação com João Marcos tem seu fundamento na era patrística, a partir do testemunho de Papias, bispo de Hierópolis, século II. Esta informação remete a Eusébio de Cesareia, em sua obra História Eclesiástica. Por isso, suscitou-se uma questão: o evangelho marcano seria um evangelho de Pedro?²³⁷

Ressalta-se que a questão da autoria aponta para a apologética, com a intenção de ligar os evangelhos a uma autoridade, um apóstolo. Por isso, a questão da identidade do autor permanece no anonimato, pois, não há nenhum traço biográfico a ser levantado nos escritos.²³⁸

Também não pode ser considerado um relato da pregação de Pedro, embora este apóstolo apareça em diversos episódios; alguns relatos de Marcos estão em consonância com a teologia paulina: a

²³⁶GALLAND, Corina C. **O evangelho segundo Marcos**. In: MARGERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. Trad. Margarida Oliva. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2015. p. 59.

²³⁷HARRINGTON, Daniel J. **O evangelho segundo Marcos**. In: BROW, Raymond E. et.al. (Org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo: Novo Testamento**. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2018, p. 65.

²³⁸GALLAND, 2015, p. 59.

comensalidade com os pagãos e a cruz como lugar decisivo da revelação de Deus.²³⁹

Por isso, a identidade do autor se apaga diante da autoridade da mensagem transmitida. O que se possui de informação é que a escrita deriva de uma língua grega, tomada de influência judaica, próxima da tradição oral aramaica, sendo até mesmo reconhecida como uma literatura popular helênica.²⁴⁰

3.3.2 Datação e local

O fundamento para uma datação segura é o capítulo 13. No discurso escatológico, o evangelista não pressupõe a destruição do Templo de Jerusalém.²⁴¹ Com isso, o evangelho foi composto antes dos anos 70, aproximadamente a partir dos anos 60. Também o capítulo 13 de Marcos pode ser chamado de *vaticinium ex eventum*, isto é, a profecia a partir do evento realizado. Então, o capítulo de Marcos seria datado após o ano 70.²⁴²

O local do escrito é atribuído à cidade de Roma. Essa localização se dá por dois motivos: a utilização do vocábulo latino no texto grego e a perseguição iminente vivida pelos cristãos.²⁴³

3.3.3 Destinatários

Um ponto que pode caracterizar os destinatários de Marcos é a ausência de reflexões sobre a lei, diferentemente de Mateus. Também, as narrativas nos territórios limítrofes de Tiro e Sidônia apóiam as hipóteses dos destinatários distantes das tradições judaicas.²⁴⁴

Pode-se, então, deduzir que a mensagem de Marcos se destina a pagãos cristãos, com grande possibilidade de uma comunidade romana, ou então, mais ainda do mundo ocidental. É uma comunidade que precisa ser modelada aos novos costumes cristãos, por isso necessitados de ensinamentos sobre a atividade de Jesus, seus discursos e afastamento de práticas judaicas.²⁴⁵

²³⁹ GALLAND, 2015, p. 60.

²⁴⁰ GALLAND, 2015, p. 60.

²⁴¹ HARRINGTON, 2018, p. 66.

²⁴² GALLAND, 2015, p. 62.

²⁴³ HARRINGTON, 2018, p. 66.

²⁴⁴ GALLAND, 2015, p. 62.

²⁴⁵ GALLAND, 2015, p. 63.

O fortalecimento na fé também indica os desafios da comunidade. A pergunta central a ser respondida é: quem é Jesus? Por isso, já no início da narrativa, se tem um foco nas atividades de Jesus: pregação, ensinamento e curas. A partir dos ensinamentos, os destinatários são convidados a olhar para frente, escrevendo sua própria história.²⁴⁶

3.3.4 Conteúdo e Teologia

Um dos modos para compreender a teologia de Marcos é entender a própria trama narrativa de Jesus no seu evangelho:

O aspecto teológico do esboço destaca a autoridade (*exousia*) de Jesus. Assim que sabemos quem é Jesus (1,1-15), veremos sua autoridade se revelando em obra e palavra (1,16-3,6), sua rejeição por parte de sua própria gente (3,7-6,6^a) e os equívocos acerca dele até mesmo por parte de seus discípulos (6,6b-8,21). No caminho para Jerusalém (8,22-10,52), Jesus esclarece a natureza de sua autoridade e explica suas conseqüências para seus seguidores. Em Jerusalém ele se depara com resistência a seu ensino (11, 1-13,37) e enfrenta uma morte cruel e trágica nas mãos das pessoas que rejeitam sua autoridade (14,1-16,8).²⁴⁷

O conteúdo de Marcos provém de diversas tradições sobre Jesus: ditos, parábolas, controvérsias, relatos de cura, milagres e uma tradição já conhecida sobre a paixão. Estes conteúdos são agrupados, estruturando o evangelho. Marcos faz essa seqüência ligando-as com passagens e comentários para seus leitores.²⁴⁸

3.3.5 Estrutura

A estrutura do evangelho de Marcos será um importante meio para visualizar a narrativa em seu todo e compreender como a teologia presente no 4º Cântico do Servo Sofredor influenciou o relato da paixão em Marcos. Galland apresenta da seguinte forma²⁴⁹:

²⁴⁶ GALLAND, 2015, p. 63.

²⁴⁷ HARRINGTON, 2018, p. 66.

²⁴⁸ HARRINGTON, 2018, p. 66.

²⁴⁹ GALLAND, 2015, p. 50-51.

Prefácio (1,1-13)
Os primeiros começos (1,14,3-35)
As travessias de barco (4,1-8,2). Parábolas e curas e os pães no deserto
O caminho para Jerusalém (8,22-10,52)
A paixão em Jerusalém (11-16)
Posfácio (16,1-9) e uma sequência acrescentada (16,9-20): o relato da proclamação

3.4 O SERVO SOFREDOR DE ISAÍAS PRESENTE NO NOVO TESTAMENTO

Ao tratar da teologia do 4º cântico do Servo no Novo Testamento, primeiramente, é necessário ressaltar os textos que fazem referência direta ou indiretamente a Isaías 52,13-53,12. Sem dúvidas essas referências apontam para uma interpretação dos textos bíblicos sobre Jesus à luz da temática do Servo Sofredor.

Propriamente no evangelho de Marcos, será discutida a interpretação cristã em relação ao relato da paixão, morte e ressurreição. Isso se dará diante do próprio conhecimento geral sobre a estrutura de Marcos, pois, conforme será citado, as referências ao texto isaiano já aparecem antes mesmo dos capítulos que narram a morte de Jesus.

3.4.1 Citações do 4º Cântico do Servo Sofredor no Novo Testamento

A utilização de palavras ou conceitos do 4º cântico do Servo no Novo Testamento ocorre pelo menos cinquenta vezes. Destas, vinte e nove são encontradas nos Evangelhos. O quadro²⁵⁰ abaixo apresenta citações diretas de texto do Servo no Novo Testamento, na qual, três são dos Evangelhos.

Isaías	Novo Testamento
52,15	Romanos 15,21

²⁵⁰WILKINS, Michael J. **Isaías 53 e a mensagem de salvação nos evangelhos**. In: BOCK, Darrel L.; GLASER, Mitch (Orgs.). **O Servo Sofredor: A interpretação de Isaías 53 nas Teologias Judaica e Cristã**. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 96.

53,1	João 12,38
	Romanos 10,16
53,4	Mateus 8,17
53,7-8	Atos 8,32-33
53,9	1Pedro 2,22
53,12	Lucas 22,37

3.4.1.1 Citações indiretas do 4º Cântico nos evangelhos

A influência do 4º Cântico nos evangelhos ocorre de forma mais ampla que apenas citações diretas. O quadro²⁵¹ abaixo demonstra alusões claras ou implícitas do texto do Servo presente nos quatro evangelistas.

Isaías	Evangelhos
52,13 (exaltado)	João 3,14;8,28;12,32
53 (Moisés e todos os profetas)	Lucas 24,27
53 (padecer e ressuscitar)	Lucas 24,46
53(entregue)	Mateus 17,22 (e paralelas)
53 (entregue)	Mateus 20,18 (e paralelas)
53 (entregue; “está escrito”)	Mateus 26,24 (e paralelas)
53 (entregue)	Mateus 26,45 (e paralelas)
52,2 (como raiz)	Mateus 2,23
53,3 (padecer, ser aviltado)	Mateus 17,12b; Marcos 9,12b
53,4 (escarnecido e zombado)	Mateus 27,39-43
53,5 (castigado)	Mateus 26,67
53,6-7 (pecado de todos)	João 1,29
53,7 (a vida do pastor pelas ovelhas)	João 10,11;15,17
53,7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 26,63; Marcos 14,61
53,7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 27,12
53,7 (permaneceu em silêncio)	Mateus 27,14; Marcos 15,5; João 19,9
53,7 (permaneceu em silêncio)	Lucas 23,9
53,9 (sepultado com ímpios)	Mateus 26,24
53,9 (homem rico)	Mateus 27,57
53,10-12 (levou o pecado de muitos)	Mateus 20,28; Marcos 10,45

²⁵¹ WILKINS, 2015, p. 97.

53,11 (justo torna justos)	Mateus 3,15
53,12b (divisão do espólio)	Lucas 11,22
53,12b (divisão do espólio)	Lucas 23,43
53,12d (contado entre os transgressores)	Mateus 27,38
53,12d (contado entre os transgressores)	Lucas 23,33
53,10.12c (alma para a morte)	Mateus 26,28; Marcos 14,24; Lucas 22,20

3.4.2 A resposta à morte de Jesus como sofrimento do justo

Implicitamente a morte de Jesus também é interpretada como sofrimento do justo, presente na literatura do Antigo Testamento. É uma resposta possível e em consonância com o 4º Cântico do Servo Sofredor.

A interpretação do sofrimento do justo é a resposta da questão porque Jesus teve que sofrer uma morte tão violenta. Por isso, entende-se a relação do justo que sofre com a morte de Jesus, já possui um papel importante para o judaísmo e influenciou a comunidade cristã primitiva.²⁵²

Duas literaturas judaicas do Antigo Testamento fundamentam o sofrimento dos Justos. A primeira é encontrada nos Salmos de lamentação, onde o justo confia em Deus e por causa de sua piedade é perseguindo pelos inimigos. A segunda está dentro dos escritos sapienciais, apontando que mesmo diante do sofrimento, no final, o justo será reabilitado e exaltado por Deus.²⁵³

Com isso, Barth afirma a influência desta tradição na compreensão morte de Jesus “Difícilmente se poderá contestar que a tradição vetero-testamentária e judaica do sofrimento do justo exerceu influência na confrontação da antiga cristandade com o enigma da morte de Jesus.”²⁵⁴

Um problema que o próprio Barth apresenta sobre esta forma de interpretação, consiste na idéia generalizada que já se tinha sobre o

²⁵² BARTH, Gerhard. **Ele morreu por nós: A compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento.** Trad. Nélcio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1997. p. 34.

²⁵³ BARTH, 1997, p. 35.

²⁵⁴ BARTH, 1997, p. 36.

sofrimento do justo. Um exemplo está nos anúncios dos sofrimentos de Jesus, nos sinóticos, na qual a base não está na teologia sobre o sofrimento.²⁵⁵

Propriamente, em Marcos, o anúncio da morte de Jesus é uma espécie de correção sobre a expectativa messiânica, na qual, o Filho do Homem não virá em poder e glória, mas será preciso que Ele sofra, morra e ressuscite.²⁵⁶

Barth ressalta que, apesar da ideia ser generalizada, não se pode negar essa perspectiva, nos evangelhos sinóticos, o relato da paixão acompanha uma sequência de acontecimentos. Estes acontecimentos geralmente são descritos a partir de salmos de lamentações.²⁵⁷

Portanto, uma primeira conclusão apresentada por Barth, sobre a relação do sofrimento do justo com a morte de Jesus é:

Em todo caso, a ideia de expiação vinculada às antigas fórmulas de fé pode ser acompanhada a nível literário e histórico traditivo até um tempo ainda anterior.²⁵⁸

3.4.3 A morte de Jesus como destino do profeta

Outra interpretação da morte de Jesus pode ser fundamentada na relação com o destino dos profetas. A história de Israel narra que muitos profetas foram perseguidos e mortos pelo seu próprio povo. Com isso, Jesus também teria esse destino.

Nos evangelhos, Jesus retomou essa tradição. Nos discursos das bem aventuranças em Mateus, é motivo de alegria se, pelo nome de Jesus, os discípulos forem perseguidos, pois os profetas também sofreram a mesma sorte.²⁵⁹

Em relação à interpretação da morte de Jesus com a morte dos profetas, Barth afirma que a mesma possui suas limitações. O acontecimento histórico de Jesus não pode ser interpretado somente à luz de uma tradição anterior.²⁶⁰

²⁵⁵ BARTH, 1997, p. 37.

²⁵⁶ BARTH, 1997, p. 37.

²⁵⁷ BARTH, 1997, p. 37.

²⁵⁸ BARTH, 1997, p. 38.

²⁵⁹ Mt 5,11-12.

²⁶⁰ BARTH, 1997, p. 43.

Barth discorre que “Para a primeira cristandade, Jesus de fato não era somente um dos profetas ou um dos justos de Israel”.²⁶¹ Os primeiros cristãos já tinham a fé fundamentada em Jesus, o Messias, o Revelador de Deus, na qual agiu definitivamente para salvação do mundo. Portanto:

“[...] a primeira cristandade também não podia se contentar com a interpretação da morte de Jesus como destino de profeta. Ela tinha de seguir perguntando. Aí podia manter esta interpretação *ao lado de* outros elementos interpretativos, mas somente ao lado de outros e não como a interpretação mais importante ou decisiva. A sua limitação era demasiado evidente”.²⁶²

3.4.4 A morte de Jesus como ideia de expiação

A questão do efeito expiatório da morte de Jesus aparece no Novo Testamento remetido ao contexto cultural; Três palavras gregas são designadas: *hilasmós* (expiação); *hilaskomai* (expiar) e *hilastethai* (fazer expiação).²⁶³

Em Hebreus 2,17 aparece que a morte de Cristo, como sumo sacerdote, foi para fazer expiação (*hilaskethai*) pelos pecados do povo. Na primeira carta de João 2,2 consta que Jesus é expiação (*hilasmós*) pelos pecados do mundo inteiro.²⁶⁴

Algumas passagens do Pentatêuco referente à Arca da aliança, cujo original hebraico é *kaporet*, na tradução da Septuaginta é apresentado por *hilasteriôn*. No contexto do Novo Testamento, como em Romanos 3,25, a palavra aparece na forma *hislasteriôn*, um adjetivo substantivado que significa local próprio para expiação.²⁶⁵

No contexto do Antigo Testamento, a aliança rompida é restabelecida pela expiação dos pecados. No texto de Romanos, Paulo acolhe essa tradição, acrescentando a questão da justificação do pecador por meio da fé. Essa extensão do tempo é vista já pela ótica da comunidade cristã primitiva.²⁶⁶

²⁶¹ BARTH, 1997, p. 43.

²⁶² BARTH, 1997, p. 43.

²⁶³ BARTH, 1997, p. 44.

²⁶⁴ BARTH, 1997, p. 44.

²⁶⁵ BARTH, 1997, p. 44.

²⁶⁶ BARTH, 1997, p. 47.

3.4.5 Cristo morreu “por nós”

Barth apresenta que no Novo Testamento a morte de Cristo não é interpretada apenas como ideia de expiação. Caracteriza-se, também, que Cristo morreu “por (*hypér*) nós”.²⁶⁷

Todavia, a preposição *hypér* possui uma amplitude de significados. A preposição como genitivo, significa “por” em “favor de” “por causa de”. À interpretação do Novo Testamento, a morte de Cristo não pode significar como “favor de nossos pecados” ou “no lugar dos nossos pecados”, mas, Cristo morreu, “por nossos pecados” ou em “nosso lugar” por causa dos nossos pecados.²⁶⁸

Essa fórmula pode ser destacada como parte dos ensinamentos das mais antigas tradições cristãs. Em 1Cor 15,3, Paulo expressa a fórmula que ele mesmo recebeu, na qual Cristo morreu por nossos pecados, segundo as escrituras.²⁶⁹

Outro significado que a preposição *hypér* recebe da tradição, refere-se ao momento da ceia de Jesus. Em Lucas 22,19, a expressão “Isto é meu corpo entregue por vós” amplia a narração de Marcos 14,22, que deixou de fora “por vós”.²⁷⁰

O fato de Marcos não ter acrescentado esta fórmula não significa que ela possuía um caráter mais tardio, mas que, mesmo já conhecido pelos primeiros cristãos, na narrativa, Marcos a deixou de fora. Num escrito mais tardio, em João 6,51, essa tradição aparece novamente com “O pão que eu dou é minha carne pela (*hypér*) vida do mundo.”²⁷¹

Sendo assim, os significados diversos da preposição *hypér*, fazem parte de três linhas da tradição: morrer “por nós”; se entregar “por nós” e a tradição da ceia/eucaristia. Independente do significado, todas as passagens destacadas, tem como fundamentação a ideia de expiação dos pecados.²⁷²

Conhecendo essas tradições sobre o significado da morte de Jesus, o próximo ponto discorrerá sobre a ideia do Servo Sofredor no relato da Paixão de Cristo em Marcos.

3.5A PAIXÃO DE CRISTO EM MARCOS E O QUARTO CÂNTICO DO SERVO SOFREDOR

²⁶⁷ BARTH, 1997, p. 47.

²⁶⁸ BARTH, 1997, p. 48.

²⁶⁹ BARTH, 1997, p. 49.

²⁷⁰ BARTH, 1997, p. 52.

²⁷¹ BARTH, 1997, p. 53.

²⁷² BARTH, 1997, p. 53.

Ao procurar entender esta questão central do presente trabalho, sobre a relação do Quarto Cântico do Servo Sofredor e a Paixão de Cristo narrada por Marcos, outra questão fundamental surgiu: no evangelho de Marcos, a teologia do Servo Sofredor está presente em outros textos para uma melhor compreensão do processo de morte de Jesus?

Essa nova questão apareceu devido à seguinte argumentação de Barth: por muito tempo, exegetas consideravam o evangelho de Marcos como uma introdução geral da história da Paixão de Cristo, que seria o foco principal do evangelista.²⁷³

Esta visão da narrativa marcana se dá pela própria análise estrutural do evangelho. São diversas referências antecipadas da paixão, já nas primeiras perícopes. Após a apresentação da atuação de Jesus (1,14-39) segue a narrativa dos primeiros conflitos (1,40-3,6). A acusação de blasfêmia aparece pela primeira vez no cap. 2,7 e, no cap. 2,20, a primeira alusão sobre a morte de Jesus.²⁷⁴

Diante desta análise, Barth considera que, entender o evangelho de Marcos como uma introdução do processo da Paixão de Cristo é, demasiadamente, exagerada, reduzindo as demais interpretações. Todavia, diante de toda a estrutura de Marcos, Barth corrobora que a Paixão de Cristo está no centro teológico do evangelho. A afirmação dessa idéia é encontrada no primeiro anúncio do sofrimento.

3.5.1 O primeiro anúncio da Paixão

O anúncio da Paixão está narrado da seguinte forma: “O Filho do Homem deve sofrer muito, ser rejeitado pelos anciãos, pelos chefes dos sacerdotes e escribas, ser morto e, depois de três dias, ressuscitar”.²⁷⁵ Aqui, podem ser encontradas, inicialmente, duas tradições: O Filho do Homem e a própria alusão ao Servo Sofredor.

A primeira tradição, remetida ao Filho do Homem, é encontrada no Antigo Testamento em Daniel 7,13. Porém, em Jesus, essa imagem é contraposta com a de Daniel, pois, na visão do autor apocalíptico, o Filho do Homem é apresentado com poder, agente da libertação, enquanto Jesus, para cumprir a profecia, precisa passar por todo o processo de condenação até a morte.²⁷⁶

²⁷³ BARTH, 1997, p. 126.

²⁷⁴ BARTH, 1997, p. 127.

²⁷⁵ Mc 8,31.

²⁷⁶ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 514.

Quando a tradição do Servo Sofredor, o destino do Filho do Homem assume os traços do Quarto Cântico, principalmente em Is 53,3.11-12, na qual, após as humilhações, o Servo será glorificado por Deus. Com isso, “[...] Jesus compreende que seu fim violento não é um incidente absurdo e desagradável, mas faz parte da lógica do projeto de Deus.”²⁷⁷

A tradição do texto do Servo Sofredor, no primeiro anúncio da paixão, demonstra a consciência de Jesus em relação ao seu destino como Messias. Para os judeus, era totalmente estranha a idéia de um Messias como Servo Sofredor. Porém, Marcos já compreende que, mesmo diante do sofrimento, o Servo Sofredor pode prefigurar Jesus em relação ao plano divino, em consonância com a ressurreição.²⁷⁸

Também em consonância com esta relação do anúncio da Paixão, com o Quarto Cântico, Barth destaca outra questão. No contexto marcano, esta passagem também deve ser vista da seguinte forma:

[...] na antiga cristandade havia círculos cristãos que viam e divulgavam a Jesus primordialmente como o divino fazer de milagres, o taumaturgo, por cuja atuação nos milagres o auxílio divino penetra no mundo com suas aflições. Esses círculos devem ter sido os responsáveis pela coleção e transmissão das histórias de milagres. Marcos evidentemente conheceu tais círculos, tomou deles a rica tradição de milagres e a introduziu no seu evangelho, mas ao mesmo tempo, corrigiu a problemática cristológica e soteriológica desses círculos por meio da sua ênfase na paixão de Jesus.²⁷⁹

Por isso, além da tradição do conteúdo do Quarto Cântico, o primeiro anúncio da paixão pode ser entendido como:

A esta compreensão equivocada dos milagres de Jesus é contraposta a ênfase na sua paixão, e o meio pelo qual Marcos vincula as duas coisas são

²⁷⁷ BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo, 2014, p. 514.

²⁷⁸ CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento Interpretado: Mateus e Marcos**. São Paulo: Hagnos, 2014. V.1.p. 849.

²⁷⁹ BARTH, 1997, p. 128.

as ordens de Jesus para silenciar e a incompreensão dos discípulos.²⁸⁰

3.5.2 A narração da Paixão

Ao narrar o primeiro anúncio da paixão (Mc 8,31), Marcos trará novamente mais dois anúncios: em 9,31 e 10,33. Do capítulo 8,27 até o início do relato da paixão (cap 14-15), há uma relação no evangelho, concluída por Barth: “Portando, em Marcos, se corrige, a partir da paixão de Jesus, uma cristologia sujeita a mal-entendidos”.²⁸¹

Tendo Marcos feito essa correção sobre a figura do Messias em Jesus, Barbaglio e Fabris destacam que o significado da morte de Jesus vai além da relação com a tradição do Servo Sofredor. Por isso, os autores respondem o seguinte questionamento:

Nesta altura surge a pergunta: o relato evangélico da paixão respeita a história? Até que ponto o interesse cristológico ou querigmático fez Marcos retocar ou selecionar dados históricos? É certo que nesta seção, mais do que no resto do evangelho, Marcos depende da tradição anterior. As numerosas referências bíblicas, insólitas em Marcos, são um indício da utilização de um relato cristão arcaico da paixão. Alguns episódios dão a impressão de terem sido inseridos numa trama já existente, como por exemplo, a instituição da eucaristia, a cena da zombaria dos soldados, etc.

Na relação com as tradições da paixão anteriores ao escrito marcano, Barth destaca as que foram colhidas pelo evangelista:

Também classificação da morte de Jesus como destino de profeta, expressa na parábola dos vinhateiros maus (Mc 12,1-12), certamente já era tradicional. Decerto a interpretação da morte de Jesus como sofrimento do justo (15,24.29.36) igualmente já estava contida na narrativa tradicional da paixão. Por fim, isso se aplica também à interpretação da morte de Jesus como expiação vicária, contida em 10,45 e 14,24;

²⁸⁰ BARTH, 1997, p. 129.

²⁸¹ BARTH, 1997, p.1 32.

também aqui se trata de tradições já existentes que Marcos acolheu.²⁸²

Indo além das tradições já presentes nas primeiras comunidades cristãs, Barth destacará, novamente que a paixão de Cristo em Marcos, tem a função de corrigir uma perspectiva cristológica equivocada. Por isso, o autor descreve que era preciso retomar o tema da expiação vicária em uma perspectiva soteriológica.²⁸³

Uma perícopes em que Marcos confirma a retomada da tradição bíblica presente no Servo Sofredor é o relato da ceia pascal (14,22-25). O evangelista introduziu esta tradição litúrgica que não fazia parte da tradição da comunidade. Por isso, o significado do sangue derramado por muitos (14,24), apontará para todos os eventos, da prisão até a morte de Jesus, o significado de expiação vicária.

Os detalhes de todo esse processo, narrado por Marcos, também contém significados que remontam à tradição do Servo Sofredor:

Então, deve-se considerar, para a compreensão dos acontecimentos, não só os títulos cristológicos pronunciados durante o interrogatório (14,61ss) e a asseveração da inocência de Jesus feita por Pilatos (15,14), mas também a troca de papéis na cena com Barrabás em 15,6-14: o povo pede a liberdade para o assassino em cujo lugar Jesus é crucificado. Portanto o justo morre no lugar do assassino. Até mesmo a zombaria dos espectadores em 15,29ss, lança uma nova luz sobre os acontecimentos. Pois quando eles dizem :“(...) a outros ele salvou, a si mesmo não pode salvar” (15,31), falam, sem querer, uma verdade oculta: aqui morre aquele que salva a outros, mas não a si mesmo.²⁸⁴

Com estas fundamentações, entende-se melhor como o evangelista Marcos, utilizou e relacionou tradições já presentes nas comunidades primitivas, com a tradição do Servo Sofredor. Barth conclui essa relação da seguinte forma:

Portanto, não é possível afirmar que Marcos entenda a paixão de Jesus em primeiro lugar ou

²⁸² BARTH, 1997, p.133.

²⁸³ BARTH, 1997, p.132.

²⁸⁴ BARTH, 1997, p. 134.

até unicamente como sofrimento do justo e carregue junto, de certa maneira forçadamente, apenas como tradição, a afirmação sobre a expiação vicária em 10,45;14,24. Antes, ele não só acolheu essas afirmações, mas também as acentuou e enfatizou autonomamente: Jesus é o Salvador exatamente *assim*, sofrendo e morrendo pela culpa de muitos.²⁸⁵

Concluindo o objetivo deste trabalho, pode-se explanar que a teologia presente do Quarto Cântico do Servo Sofredor não foi exclusiva na narração de Marcos para compreensão do mistério da paixão, morte e ressurreição de Jesus.

Com isso, essa pesquisa aponta para outros estudos no campo bíblico. Portanto, desta conclusão que: “O entendimento que Jesus tinha de sua missão e de sua morte à luz de Isaías 53, foi a Matriz do entendimento da igreja primitiva”²⁸⁶; abrem-se possibilidades para novas problemáticas serem pesquisadas.

Os evangelistas narram e deram seus significados, buscaram tradições orais das primeiras comunidades cristãs, bem como do próprio Antigo Testamento. Então, após todos os relatos narrados sobre Jesus: “Depois da conclusão da missão de Jesus na cruz e na ressurreição, o cântico do Servo Sofredor foi aplicado a ele pela igreja primitiva, sob o ensino que o próprio Jesus tinha dado aos seus discípulos.”²⁸⁷

A interpretação da comunidade primitiva da história da paixão de Cristo à luz do Servo Sofredor pode ser vista em uma visão geral no capítulo 2º deste trabalho. Com isso demonstra-se que a pesquisa bíblica não se encerra com interpretações à luz de um evento, mas aponta para novas pesquisas para compreender cada vez melhor a atuação de Deus na história, principalmente por meio do Seu Filho, Jesus.

O presente capítulo demonstrou que, considerar o relato da Paixão de Jesus, como uma releitura do Quarto Cântico do Servo Sofredor, seria reduzir todo evento histórico e, muito mais, o mistério presente em Jesus. Portanto, considera-se que, não só na narrativa da Paixão, mas em todo o seu Evangelho, Marcos utilizou a tradição do Quarto Cântico do Servo Sofredor, juntamente com outras tradições presentes entre os primeiros cristãos, como tradições orais, escritos antigos e principalmente, o senso da fé do povo.

²⁸⁵ BARTH, 1997, p. 136.

²⁸⁶ WILKINS, 2015, p. 112.

²⁸⁷ WILKINS, 2015, p. 112.

CONCLUSÃO

Ao final da pesquisa realizada, algumas considerações finais necessitam ser feitas. Primeiramente, apresentar os resultados de cada capítulo do trabalho. Em seguida, apresentar qual relevância o presente trabalho teve para o campo dos estudos bíblicos, para, enfim, apontar novos direcionamentos que o tema propõe.

O objetivo geral desta pesquisa foi relacionar o relato da Paixão de Cristo em Marcos com os elementos apresentados pelo estudo histórico-crítico da “profecia” do Quarto Cântico do Servo Sofredor. Para isso, primeiramente foi necessário contextualizar a formação do chamado livro do Dêutero-Isaías.

Nisso consistiu a formação do primeiro capítulo. Foi apresentando e fundamentado o período da história de Israel que compreende o tempo desde a morte do rei Josias (609 a.C.) até a queda do Império Babilônico (539 a.C.). A formação do segundo Isaías se dá no período que corresponde à iminente invasão dos persas, liderada pelo rei Ciro, aproximadamente em 548 a.C.

Se até o século XVIII se pensava em um livro de Isaías como um todo, foram os próprios conteúdos do escrito profético que permitiram uma divisão, chamada de Isaías (cap 1-39), Dêutero-Isaías (40-55), Trito-Isaías (56-66). As razões principais para essa divisão foram do ponto de vista histórico e literário.

O profeta anônimo, Dêutero-Isaías, que se encontra na 2ª parte do livro, apresenta conteúdos diferente dos anteriores. Se o primeiro anunciava a queda da Jerusalém, o segundo escreve sua mensagem para os exilados. Além das lamentações contidas, pois a cidade e o Templo foram destruídos, há uma grande novidade no Dêutero-Isaías: a esperança.

Essa novidade se dá, sobretudo, pelo enfraquecimento do império da Babilônia, juntamente com o fortalecimento do império persa, que conclui sua investida final em 535 a.C. contra a Babilônia. É no período anterior a essa queda que o chamado Dêutero-Isaías atua entre os exilados.

É nesse bloco literário que se encontra os Quatro Cânticos do Servo Sofredor, que, de acordo com a pesquisa, são um bloco a parte do livro. Foram considerados a estrutura do texto em geral, os versículos que precedem e seguem aos textos, e a mensagem continuaria coesa caso os Cânticos fossem retirados da sua estrutura.

O Quarto Cântico possui uma mensagem enigmática. É uma mensagem única em todo o Antigo Testamento, pois, um indivíduo morre de forma expiatória, voluntariamente, para a salvação de muitos. Essa mensagem foi comparada com outras do Antigo Testamento, como o culto no livro de Levítico, a morte dos filhos de Saul para expiação de Israel, em 2Sm 21. Porém, esses textos similares não trazem a novidade apresentada no Quarto Cântico.

Por isso, o segundo capítulo procurou estudar, a partir do método histórico-crítico, o Quarto Cântico do Servo Sofredor. Foi visto que o texto possui uma estrutura simples e uma narração clara, na qual, há dois narradores: o Deus que fala a grandeza do Servo e o “nós”, de acordo com as conjugações verbais, que narram os acontecimentos da vida do Servo.

Todavia, a clareza da estrutura do texto, como seus narradores, não condiz com a mensagem apresentada. Por isso surgem as perguntas: Quem é o grupo narrador? ; Quem é o Servo? O grupo narrador foi identificado com os judeus exilados na Babilônia, que reconhecem a sua culpa já denunciada no Primeiro Isaías.

Quanto à identidade do Servo, o estudo exegético demonstrou que se tratava de um indivíduo. Essa afirmação é feita a partir de uma comparação com os outros três cânticos, que apresentam o Servo com uma identidade coletiva. Com isso, nos três primeiros cânticos o Servo pode ser identificado como o Povo de Israel.

Embora haja interpretações que apontam para o Servo do Quarto Cântico como uma coletividade, essa pesquisa optou por seguir o estudo de acordo com a interpretação do Servo como indivíduo. Sendo assim, o estudo exegético de cada versículo do texto apontou para esta direção.

A partir do método apresentado, viu-se que o texto se divide em três partes: 52,13-15; 52,1-9; 52,10-12. Em todos os comentários buscou-se enfatizar dois tipos de interpretações. A primeira, referindo-se a autores que estudaram a mensagem em si, enquanto a segunda, sobretudo pelos comentários patrísticos, que identificaram no evento Jesus Cristo o cumprimento pleno na profecia.

Destaque se deu nos versículos de 4 a 6, na qual, a mensagem é introduzida pela seguinte afirmação: “Foi por causa de nossos pecados que ele sofreu”. Autores clássicos do período patrístico não hesitaram em apontar para a Paixão de Cristo nesses versículos sobre a morte vicária do Servo. Os autores que optaram por uma interpretação do texto em si, também apontam para um personagem messiânico futuro.

Tendo apresentado todas essas considerações sobre o Quarto Cântico, o terceiro capítulo procurou relacionar o evento da Paixão e Morte de Jesus, em Marcos, com a mensagem do Quarto Cântico do Servo Sofredor. O evangelista Marcos foi escolhido por ser o primeiro escrito entre os quatro evangelistas.

A escolha também se deu por uma busca pessoal do autor, ao longo do Curso de Teologia, principalmente a partir das aulas sobre os livros dos Profetas. O texto do Quarto Cântico, com toda a sua significação para os cristãos, à primeira vista, parece ser fácil apontar para Jesus Cristo como o Servo apresentado. Entretanto, era preciso fundamentar e responder à dúvida em questão: como a comunidade primitiva entendeu o Quarto Cântico, e por quais elementos do texto, entendeu Jesus como o cumpridor da profecia?

Por isso, a problemática deste trabalho procurou responder à seguinte questão: quais elementos do Quarto Cântico do Servo Sofredor foram utilizados pelo evangelista Marcos para fundamentar o relato da Paixão de Cristo? Ao fazer as devidas pesquisas bibliográficas, os autores pesquisados deram um horizonte maior para essa problemática. Não há como falar da Paixão de Cristo, de forma isolada em Marcos, sem entender toda a narrativa do seu evangelho.

O primeiro levantamento feito, para ampliar essa questão, foi responder à questão que por muito tempo os exegetas fundamentavam: a narrativa de Marcos é uma introdução à Paixão de Cristo? Afirmar essa questão seria reduzir o conteúdo teológico do Evangelista.

Porém, o conteúdo marcano aponta, desde os primeiros capítulos, para a Paixão de Cristo, como por exemplo, as primeiras discussões e planos para matar Jesus. Em síntese, Marcos antecipa conteúdos da Paixão de Cristo, já nos capítulos iniciais, mas, seu conteúdo catequético e querigmático vai além de apenas uma introdução do relato da Paixão.

O ponto culminante, que prepara a narração do processo de condenação de Jesus, é o primeiro anúncio da Paixão (Mc 8,31). Além da tradição presente do livro de Daniel, sobre o Filho do Homem, há também a tradição do Quarto Cântico do Servo Sofredor: expiação vicária de um indivíduo.

Essa visão do evangelho de Marcos como um todo, permitiu concluir no presente trabalho, que não só no relato da Paixão de Jesus, mas em todo evangelho estão presente elementos que apontam para a morte vicária de Jesus. Porém, o Quarto Cântico não foi à única fundamentação do evangelista.

Já era de conhecimento da comunidade primitiva o relato do Quarto Cântico e a morte de um indivíduo para salvação de muitos. Os autores pesquisados corroboram com essa idéia, mas, não de forma exclusiva, pois, afirmar que a narrativa da Paixão de Cristo, em Marcos, é uma releitura do Quarto Cântico, seria reduzir todo o mistério contido, como também o evento histórico.

O fato de o Messias esperado, ser morto e crucificado, abalou a fé de muitos cristãos. Um dos grandes objetivos de Marcos, conforme pesquisado era corrigir uma visão distorcida de Jesus, como por exemplo, um Messias reduzido aos feitos milagrosos. Por isso, Marcos utiliza, durante todo seu evangelho, elementos que apontam para a Paixão de Cristo.

Era preciso novamente lembrar a missão principal de Jesus. Marcos se utilizou de tradições já presentes na comunidade primitiva. O Quarto Cântico de Isaías foi utilizado para fundamentar que o Messias tinha como destino essa morte em favor de muitos. Marcos acrescentou o relato da ceia pascal, que, inicialmente usado para ritos litúrgicos, foi utilizado para sua comunidade entender o significado do corpo entregue por muitos e sangue derramado por muitos.

Por fim, concluiu-se também neste trabalho que coube às primeiras comunidades do século II fazer uma relação mais clara entre os elementos do Quarto Cântico do Servo Sofredor e a narrativa da Paixão de Cristo. Com isso, esse trabalho pode apontar novos estudos no campo bíblico, principalmente nessa relação da profecia de Isaías com o relato da Paixão de Cristo.

Um dos primeiros apontamentos para novas pesquisas é a escolha de um evangelista posterior a Marcos, ou até mesmo outros escritos do Novo Testamento, tanto os paulinos como os demais, e procurar responder como o Quarto Cântico foi utilizado por esses autores.

Outras pesquisas que podem ser realizadas são os próprios comentários patrísticos. Ficou bem claro, que coube à comunidade cristã, do início do século II, utilizar interpretações mais relacionadas. Sendo assim, pode-se ter presente que, a comunidade primitiva, anterior ao Evangelho, tinha presente elementos do Quarto Cântico, para fundamentar o evento da Paixão de Jesus. Todavia, foram os escritos cristãos posteriores do Novo Testamento que releu o Quarto Cântico, interpretando Jesus, na figura do Servo profetizado por Isaías.

Então, o trabalho aqui concluído, pode contribuir para pesquisas posteriores a serem feitas nesta temática. Qualquer pesquisa no campo bíblico não deve possuir o intuito de fazer de uma linha interpretativa

exclusiva, mas, ajudar na compreensão da fé, abrir novos caminhos para esclarecer cada vez mais o ponto culminante da História da Salvação: Deus se encarnou na humanidade, através do Seu Filho Jesus Cristo, para salvar todo gênero humano.

REFERÊNCIAS

AGUSTÍN DE HIPONA. Sermones, 27,13 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

AGUTÍN DE HIPONA. Tratado sobre el Ev. de Juan, 53,3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

AMBRÓSIO. Cartas 9,65,6 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13

ATANASIO. Discursos contra los arrianos, 3,31 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

ATANASIO. La Encarnación Del Verbo, 34,1-2 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica**: Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

BARBAGLIO, Giuseppe; FABRIS, Rinaldo. **Os Evangelhos I**. Trad. Jalmedir Vitório, Giovanni di Biasio. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2014.

BARTH, Gerhard. **Ele morreu por nós**: A compreensão da morte de Jesus Cristo no Novo Testamento. Trad. Nélio Schneider. São Leopoldo: Sinodal, 1997.

BÍBLIA de Jerusalém. 8.ed. São Paulo: Paulus, 2012.

BRIGHT, John. **História de Israel**. Trad. Luiz.A.S.Rossi e Eliane.C.S. Rossi. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2003.

CHAMPLIN, Russel N. **O Novo Testamento Interpretado**: Mateus e Marcos. São Paulo: Hagnos, 2014. V.1

CONGREGAÇÃO PARA O CULTO DIVINO. **Palavra do Senhor I – Lecionário Dominical A-B-C**. 21.ed.São Paulo: Paulus, 2022.

CORDEIRO, Garcia M. **Biblia Comentada: Libros Proféticos**. Madrid: La Editorial Catolica,1961.

CIRILO DE ALEJANDRÍA. Comentario a Isaías, 5,1,53,11 apud apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

DROBNER, Hubertus. **Manual de Patrologia**. Trad. Orlando dos Reis; Carlos Almeida Pereira. 3.ed .Petrópolis: Vozes, 2008.

ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística:Antiguo Testamento -Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. V.13

EUSEBIO DE CESAREA. Comentarios de Isaías, 2,42 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

EUSEBIO DE CESAREA. Historia eclesiástica, 10,4,12 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

GALLAND, Corina C. **O evangelho segundo Marcos**. In: MARGERAT, Daniel (Org.). **Novo Testamento: história, escritura e teologia**. Trad. Margarida Oliva. 3.ed. São Paulo: Loyola, 2015.

GREGORIO MAGNO. Exposición al libro I de los Reyes, 4,80 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN,Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

GREGORIO NACIANCENO. Cartas teológicas, 101,61 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13. p. 247.

GREGORIO NACIANCENO. Discurso Teológico, 29,19 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

HARRINGTON, Daniel J. **O evangelho segundo Marcos.** In: BROW, Raymond E. et.al. (Org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:** Novo Testamento. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2018.

IRINEO DE LYON. Contra las herejías, 3,19,2 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

JERÓNIMO. Comentario a Isaías, 14, 52,13-15 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13

JERÓNIMO, Serie segunda de tratados sobre los Salmos, 89 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

JUAN CRISÓSTOMO. Comentario a la Carta a los Gálatas 3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

JUAN CRISÓSTOMO. Homilías sobre el Ev. De Mateo, 27,3 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patristica:** Antiguo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

KONINGS, Johan. **Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”**. São Paulo: Loyola: 2016.

LIVERANI, Mario. **Para além da Bíblia: História antiga de Israel**. Trad. Orlando S. Moreira. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2014.

LUTERO, Martinho. **Obras Selecionadas**. Trad. Geraldo Korndörfer. Porto Alegre: ULBRA; São Leopoldo: Sinodal, 2017.

MOELLER, Bernd; SMOLINSKY, Heribert. **A era da Reforma**. In: KAUFMANN, Thomas. et.al (Org). **História Ecumênica da Igreja: Da alta Idade Média até o início da Idade Moderna**. Trad. Irineu J. Rabuske. São Paulo: Paulus, 2014. V.2.

MOTYER, Alec J. **O Comentário de Isaías**. Trad. Regina Aranha e Helena Aranha. São Paulo: Sheed Publicações, 2016

NAKANOSE, Shigeyuki; PEDRO, Enilda de Paula. **Como ler o Segundo Isaías (40-55): Da semente esgamada brota nova vida**. São Paulo: Paulus, 2004.

NOVA VULGATA Bibliorum Sacrorum Editio. Ed. altera. Vaticano Disponível em :<https://www.vatican.va/archive/bible/nova_vulgata/documents/nova-vulgata_vt_isaiae_lt.html#5>. Acesso em abr. 2022.

RIDDERBOS, J. **Isaías: introdução e comentário**. Trad. Adiel Almeida de Oliveira. São Paulo: Vida Nova. Mundo Cristão, 1986.

RUFINO DE AQUILEYA. Comentario al Símbolo de los Apóstoles, 19 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística: Antiguo Testamento – Isaías 40-66**. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Annemarie Hoh. 5 ed. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

SICRE DIAZ, J.L.; ALONSO SCHOKEL, L. **Profetas I: Isaías, Jeremias**. Trad. Anacleto Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOTELO, Daniel. **Um novo êxodo em Deutero-Isaías**. São Paulo: Fonte Editorial, 2011.

STEINMANN, J. **O livro da consolação de Israel e os profetas da volta do exílio.** Trad. Monjas da Abadia de Nossa Senhora das Graças. São Paulo: Paulinas, 1976.

STUHLMUELLER, Carrol **Dêutero-Isaías.** In: BROW, Raymond E. et.al. (Org.). **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo:** Antigo Testamento. Trad. Celso Eronides Fernandes. São Paulo: Paulus, 2008.

TERTULIANO. Contra Marción, 4,8,4 apud ELLIOTT, Mark W.; ODEN, Thomas C.; RODRIGUÉZ, Marcelo M. **La Biblia Comentada Por Los Padres De La Iglesia y otros autores de la época patrística:** Antigo Testamento – Isaías 40-66. Madrid: Ciudad Nueva, 2014. v.13.

VERMEYLEN, Jacques. **O livro de Isaías:** Uma catedral literária. Trad. Lara Christina de Malimpensa. São Paulo: Loyola, 2019.

WIÉNER, Claude. **O profeta do novo êxodo: o Dêutero-Isaías.** Trad. José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1980.

WILKINS, Michael J. **Isaías 53 e a mensagem de salvação nos evangelhos.** In: BOCK, Darrel L.; GLASER, Mitch (Orgs.). **O Servo Sofredor:** A interpretação de Isaías 53 nas Teologias Judaica e Cristã. Trad. Vagner Barbosa. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.